



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR**

AGOSTINHO LOPES VENÂNCIO

**RESPONSABILIDADE SOCIAL UNIVERSITÁRIA: A
CONTRIBUIÇÃO DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
(UNIFOR)**

**FORTALEZA
2014**



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR**

AGOSTINHO LOPES VENÂNCIO

**RESPONSABILIDADE SOCIAL UNIVERSITÁRIA: A
CONTRIBUIÇÃO DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
(UNIFOR)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas.

Área de Concentração: Fundamentos e Processos Estratégicos para a Sustentabilidade.

Orientador: Prof. Dr. Randal Martins Pompeu

**FORTALEZA
2014**

V449r Venâncio, Agostinho Lopes.

Responsabilidade social universitária: a contribuição da Universidade de Fortaleza
(UNIFOR) / Agostinho Lopes Venâncio. - 2014.

99 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2014.

“Orientação: Dr. Randal Martins Pompeu.”

1. Responsabilidade social. 2. Administração de pessoal. 3. Universidade de Fortaleza.
4. Administração participativa. I. Pompeu, Randal Martins. II. Título.

CDU 658:301.01

AGOSTINHO LOPES VENÂNCIO

**RESPONSABILIDADE SOCIAL UNIVERSITÁRIA: A
CONTRIBUIÇÃO DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
(UNIFOR)**

Dissertação julgada e aprovada para obtenção do título de Mestre em
Administração de Empresas, outorgado pela Universidade de Fortaleza.

Área de Concentração: Fundamentos e Processos Estratégicos para a Sustentabilidade
Linha de Pesquisa: Estratégias Organizacionais

Data de Aprovação: 29/08/2014

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Randal Martins Pompeu
(Orientador/Universidade de Fortaleza - UNIFOR)

Profª. Dra. Fátima Regina Ney Matos
(Membro/Universidade de Fortaleza - UNIFOR)

Prof. Dr. Marcus Vinicius de Oliveira Brasil
(Membro/Universidade Federal do Cariri - UFCA)

A Deus em primeiro lugar pela sua benevolência aos nossos atos e omissões.

Aos meus pais José Venâncio Gomes (*In Memoriam*) e Maria Lopes Venâncio.

À minha companheira Inês de Oliveira Gomes.

Aos meus irmãos Washington, Vânia e Sandra.

Aos meus queridos filhos Fellippe e Priscilla.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus quando estendeu sua benevolência nos momentos mais difíceis da minha vida durante esse processo.

À saudosa memória do meu pai quando me espelho nos caminhos por ele trilhados numa total plenitude cristã e administrativa à nossa família.

À minha irmã Vânia pela oportunidade que me foi dado quando me encontrava sem rumo certo, instalado na sua residência em Brasília veementemente me forçava a acreditar na busca da minha identidade naquele momento objetivando o desenvolvimento cognitivo tanto acadêmico como profissional.

À Sandra Venâncio donde me espelho e sigo em frente observando sua personalidade forte, determinista e corajosa ao assumir posições estratégicas de sobrevivência humana e social.

À minha mãe Maria e meu irmão Washington pelo apoio e muitas orações.

À minha esposa Inês Oliveira, que representou equilíbrio emocional para que eu não desistisse desse trabalho. Superamos desafios e provações, mas com perseverança conseguimos sobreviver.

Aos meus colegas de curso, em especial, Márcia e Rosângela e o professor Artur do IFCE/Aracajú, entre outros, pelos momentos compartilhados entre estudos e troca de experiência acadêmica resultantes de um feliz interrelacionamento.

À Fundação Edson Queiroz, cuja inspiração da minha vida profissional devo a esta instituição pela assistência acadêmica, infra-estrutura e espírito empreendedor que das disciplinas cursadas me veio o diferencial;

À profa. Dra. Fátima Regina Ney Matos, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas (PPGA), da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), pelo incentivo que dedicou-me nesse processo.

Ao prof. Dr. Randal Martins Pompeu, pelo discernimento e profissionalismo na orientação deste trabalho.

“Trate as pessoas como se elas fossem o que poderiam ser e você as ajudará a se tornarem aquilo que são capazes de ser”.

(Goethe)

“No íntimo todas as pessoas são frágeis e sensíveis. Não acredito que a idade ou a experiência façam muita diferença. Até as pessoas mais grosseiras carregam no seu interior sentimentos de ternura e emoções do coração. É por isso que, nos relacionamentos, as pequenas coisas são as grandes coisas”.

(Stephen Covey)

VENÂNCIO, Agostinho Lopes. **Responsabilidade Social Universitária**: a contribuição da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). 99 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Universidade de Fortaleza (UNIFOR), PPGA, Fortaleza, 2014.

Perfil do autor: Graduado em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

RESUMO

Responsabilidade Social combinada com eficiente gestão corporativa enquadram-se perfeitamente dentro de novas discussões sobre política de desenvolvimento da cidadania institucional. A Responsabilidade Social Corporativa é um tema que vem chamando a atenção da sociedade em geral. O grande desafio desse estudo é conciliar as novas teorias e conceitos de responsabilidade social com a racionalização das empresas responsáveis. Este trabalho tem como objetivo identificar a contribuição do projeto escola de esportes da Universidade de Fortaleza do ponto de vista da Responsabilidade Social Universitária. Esta é uma dissertação sobre o potencial de desenvolvimento de uma das áreas sociais mais críticas no entorno do campus da UNIFOR. O trabalho assume que as condições geomorfológicas da comunidade assistida que visa como vantagens competitivas o deslançar de um processo de desenvolvimento dos jovens assistidos nesses projetos. Metodologicamente, é uma pesquisa descritiva combinada com pesquisa de campo, onde os sujeitos da pesquisa são os responsáveis por este programa de desenvolvimento. O trabalho tece considerações sobre os projetos de responsabilidade social da universidade de Fortaleza, e faz finalmente um estudo de caso em uma das ações da Vice-Reitoria de Extensão e Comunidade Universitária para a Divisão de Assuntos Desportivos, denominado “Escola de Esportes da UNIFOR”, com o apoio do Centro de Ciências da Saúde (CCS), por meio do curso de Educação Física desde 2006. Os resultados apontam para um potencial existente, mas ainda não explorados seus indicadores, mas que tem condições atuais de alcançar o desenvolvimento da área estudada. Os principais pontos identificados estão relacionados à moderna Responsabilidade Social Corporativa Universitária, tanto nos aspectos que facilitam, tanto naqueles que, possibilitam o desenvolvimento local.

Palavras-chave: Responsabilidade Social Corporativa. Gestão de Pessoas. Responsabilidade Social Universitária e Gestão Participativa.

VENÂNCIO, Agostinho Lopes. **University Social Responsibility**: the contribution of Fortaleza University (UNIFOR). 2014. 99 f. Dissertation (Masters in Business Administration) – University of Fortaleza (UNIFOR), PPGA, Fortaleza, 2014.

Profile of the author: Graduated in Business Administration from the University of Fortaleza (UNIFOR).

ABSTRACT

Social responsibility combined with efficient corporate management fit perfectly into further discussions about the development of institutional citizenship policy. Corporate Social Responsibility is an issue that has attracted the attention of society in general. The major challenge of this study is to reconcile the new theories and concepts of social responsibility with the rationalization of the companies responsible. This study aims to identify the contribution of the project school sports from the University of Fortaleza from the standpoint of University Social Responsibility. This is a dissertation on the development potential of one of the most critical areas in the social environment of the campus UNIFOR. The work assumes that the geomorphological conditions of assisted community that aims to unleash the competitive advantages of a process of development of young people assisted in these projects. Methodologically, is combined with a descriptive field research where the subjects are responsible for this development program. The study reflects on the social responsibility projects of the University of Fortaleza, and finally makes a case study of the actions of the Vice-Rector of University Community Extension and the Division of Sports Affairs, called “Sports School of UNIFOR” with the support of the Center for Health Sciences (CHS), through the course of Physical Education since 2006. the results point to an existing potential, but not yet exploited its indicators, but which has current conditions to achieve the development of the study area. The main issues identified are related to modern Corporate Social Responsibility University, both aspects that facilitate both those that allow local development.

Keywords: Corporate Social Responsibility. People Management. University Social and Participative Management Responsibility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadros	Página
1 História das iniciativas tomadas na sociedade, em educação e ensino superior para promover o desenvolvimento sustentável.....	20
2 Análise do conceito de responsabilidade social empresarial	23
3 A empresa e suas parcerias	29
4 Principais indicadores de responsabilidade social.....	41
5 Sugestão de processo de aplicação dos indicadores ETHOS de RSE.....	45
6 Principais autores e teorias nas correntes de pensamento RSE década 1950 e 2000.....	46
7 Evolução histórica de responsabilidade social.....	48
8 Síntese conceitual de responsabilidade social.....	48
9 Retrospectiva da UNIFOR.....	55
Figuras	Página
1 Pirâmide responsabilidade social corporativa.....	42
2 Modelo conceitual tridimensional proposto por Carrol (1979).....	44
3 Imagem histórica da UNIFOR ano 1973	51
4 Campus da UNIFOR ano 2014	53
5 Atividades escolares da Escola Yolanda Queiroz.....	60
6 Pioneiros & Empreendedores	62
7 Arena olímpica da UNIFOR	65
Gráficos	Página
1 Categoria	78
2 Razões para o exercício físico.....	79
3 Atividade desportiva praticada no projeto	80
4 Influência de atividades desportivas do projeto Escola de Esportes.....	81
5 Atividades do projeto para comunidades carentes	82
6 Instrumentos de comunicação da UNIFOR.....	83
7 Vínculos UNIFOR e comunidades envolvidas	84
8 Aproximação da comunidade com a UNIFOR.....	85
9 Infraestrutura do parque desportivo.....	86

10	Perspectiva futura dos envolvidos o projeto Escola de Esportes	87
11	Aproveitamento dos conhecimentos adquiridos no projeto.....	88

LISTA DE TABELAS

	Página
1 Faixa etária	73
2 Gênero	73
3 Como o projeto Escola de Esportes influencia sua vida pessoal?	77
4 Você acredita que o projeto Escola de Esporte fortalece os vínculos entre a UNIFOR e as comunidades envolvidas quanto a inclusão social?	77
5 Categoria.....	78
6 Indique a principal razão que o leva a fazer exercício físico.....	79
7 Que tipo de atividade você pratica?	80
8 Como o projeto Escola de Esportes influencia sua vida pessoal?	81
9 Você concorda que as atividades desportivas promovidas pela UNIFOR por meio da Vice-Reitoria de Extensão e Comunidade Universitária, podem influenciar positivamente na vida de moradores de uma comunidade carente?	82
10 Você concorda que os instrumentos de comunicação que a UNIFOR utiliza para divulgar projetos de responsabilidade social são suficientes?.....	83
11 Você acredita que o projeto Escola de Esporte fortalece os vínculos entre a UNIFOR e as comunidades envolvidas quanto a inclusão social?.....	84
12 Como o projeto Escola de esporte aproxima a comunidade da Instituição?.....	85
13 O parque de Desporto da UNIFOR onde o projeto Escola de Esporte é desenvolvido disponibiliza infraestrutura satisfatória aos participantes?.....	86
14 Perspectiva futura dos envolvidos o projeto Escola de Esportes.....	87
15 Para que lhes servirá os conhecimentos adquiridos no projeto Escola de Esporte ao longo de sua vida?.....	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABMES	Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior
APEXBRASIL	Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BOTOX	Toxina Botulínica
CARES	Código de Auto-Regulamentação do Ensino Superior
CCJ	Centro de Ciências Jurídicas
CENE	Centro de Estudos de Ética nos Negócios
ESAN	Escola Superior de Administração e Negócios
EUA	Estados Unidos da América
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GRI	<i>Global Reporting Initiative</i>
IAAF	Federação Internacional de Atletismo
IBGC	Instituto Brasileiro de Governança Corporativa
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IES	Instituições de Ensino Superior
IGC	Índice Geral de Cursos
ISBEE	<i>International Society for Business Economics and Ethics</i>
ISO	<i>International Organization for Standardization</i>
MBA	<i>Master of Business Administration</i>
MEC	Ministério da Educação
MSH	<i>Management Sciences do Health</i>
NAMI	Núcleo de Atenção Médica
ONGs	Organizações Não Governamentais
PNE	Plano Nacional de Extensão
RSC	Responsabilidade Social Corporativa
RSE	Responsabilidade Social Empresarial
RSU	Responsabilidade Social Universitária
SBAC	Sociedade Brasileira de Análises Clínicas
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
UNIFOR	Universidade de Fortaleza

SUMÁRIO

	Página
I	INTRODUÇÃO 15
2	RESPONSABILIDADE SOCIAL: CONCEITOS, FUNDAMENTAÇÃO E IMPORTÂNCIA PARA AS EMPRESAS E INSTITUIÇÕES..... 19
2.1	Princípios básicos de responsabilidade social da Revolução Industrial e Governança Corporativa..... 26
2.2	Responsabilidade Social nas Universidades..... 29
2.3	Diretrizes sobre responsabilidade social: a <i>International Organization for Standardization</i> (ISO) 26000 31
2.4	Definição de <i>stakeholder</i> e <i>shareholders</i> 31
2.5	Definições de capital social 33
2.6	Definição de capital humano 37
2.7	Ética nas organizações socialmente responsáveis..... 39
2.8	Instituto ETHOS..... 44
3	CONTEXTO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA (UNIFOR) 50
3.1	Extensão Universitária e Comunidade Acadêmica..... 56
3.2	Vice-Reitoria de Extensão Comunitária Universitária 59
3.3	Identificação dos projetos de responsabilidade social da UNIFOR..... 60
3.3.1	<i>Escolas de Aplicação Yolanda Queiroz</i> 60
3.3.2	<i>Projetos Agentes Varejistas</i> 61
3.3.3	<i>Projeto Arte-Educação</i> 61
3.3.4	<i>Projeto Cidadania Ativa</i> 63
3.3.5	<i>Projeto Jovem Voluntário</i>..... 63
3.3.6	<i>Educação e Saúde na Descoberta do Aprender</i>..... 64
3.3.7	<i>Centro de Formação Profissional</i> 64
3.3.8	<i>Centro Nacional de Treinamento de Atletismo</i>..... 65
3.3.9	<i>Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI)</i> 66
3.3.10	<i>Escritório de Prática Jurídica</i> 66
3.3.11	<i>Núcleo de Ações Estratégicas</i> 67
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 69

4.1	Problema de pesquisa	70
4.2	População e amostra.....	70
4.3	Método da pesquisa	71
4.4	Tipo de pesquisa	72
4.5	Instrumento de coleta de dados.....	72
4.6	Procedimentos.....	72
4.7	Metodologia utilizada na coleta dos dados da pesquisa	73
4.8	Resultados das análises descritivas	73
4.9	Resultados das análises de conteúdo.....	74
5	ANÁLISE DE RESULTADOS	76
6	CONCLUSÃO	89
	REFERÊNCIAS	91
	ANEXO A – Questionário aplicado aos participantes do projeto escola de esportes da UNIFOR	96
	ANEXO B – Como o projeto Escola de Esportes influencia sua vida pessoal?	97
	ANEXO C – Universidades conveniadas ao programa de intercâmbio acadêmico da UNIFOR. No campo do intercâmbio com universidades estrangeiras, a UNIFOR mantém relacionamentos institucionais.....	98

I INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é amplamente marcada pelo desemprego, desigualdades sociais e a degradação ambiental destacando-se a má utilização e manejo dos recursos naturais. O papel social das universidades desse milênio vem se estendendo às comunidades do seu entorno, desenvolvendo e aplicando projetos de melhoria de vida e reduzindo o passivo social/ambiental nas relações comunidade acadêmica e essas sociedades.

Na década de 1950, nos Estados Unidos da América (EUA) o meio empresarial e acadêmico inicia uma discussão à respeito da importância da Responsabilidade Social (RS) pelas ações de seus dirigentes. No início da década de 1960, o tema começa a ser popularizado nos EUA. Os acontecimentos e as transformações sociais destacam os problemas sócio-econômicos e, de certa forma, preparam o ambiente para a aceitação da ideia. Na Europa, as ideias sobre Responsabilidade Social se multiplicam a partir da década de 1960, com artigos de revistas e notícias de jornais que refletem a novidade oriunda dos EUA. Durante essa década, os autores europeus como Kenneth Galbraith, Vance Packard e Rachel Carson se destacaram apresentando problemas sociais e suas possíveis soluções. Ao final dessa década, nos Estados Unidos, as empresas já se preocupavam com a questão ambiental e em divulgar suas atividades no campo social (OLIVEIRA, 2000, p. 2).

Diante das informações mencionadas acima, este trabalho tem como propósito verificar a implementação do Projeto Escola de Esportes da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e seu benefício na melhoria de vida dos participantes alunos e professores do Curso de Educação Física da UNIFOR além de jovens atletas da comunidade em estudo localizada no entorno do *campus* universitário.

A motivação desta pesquisa deve-se ao fato da universidade em estudo UNIFOR, ter inserido no seu planejamento estratégico, projetos de responsabilidade social prioritários na formação dos corpos docentes e discentes para melhor atender às comunidades carentes existentes no seu entorno.

Desde a primeira década do século XXI, a UNIFOR vem desenvolvendo ações enfocando a Responsabilidade Social Universitária (RSU) em diversos projetos. Na área de Educação Física o objetivo é o engajamento de alunos e professores em atividades desportivas orientadas para jovens atletas da comunidade do Dendê entre outras. Tem como premissa

beneficiar cerca de 350 estudantes do curso de Educação Física dos quais 95 em 2014 se destacaram e foram inseridos no sistema de incentivo institucional pelo bom desempenho atlético e acadêmico. Os estudantes participam em competições regionais, estaduais e nacionais nas modalidades de atletismo, natação, voleibol, handebol, basquetebol e futsal, com destaque aos eventos como o GP Internacional de Atletismo, Desafio UNIFOR de Esportes e a Corrida de Rua Universitária, que atraem para a Instituição milhares de participantes.

Foi abordada a participação da UNIFOR na atividade desportiva, especificamente no projeto “Escola de Esportes” retratando sua importância, relevância e integração entre a comunidade acadêmica, (alunos e professores) e jovens de comunidades do entorno do *campus*. Nessas ações podem-se destacar práticas de responsabilidade social, tais como: Projeto Escola de Aplicação Yolanda Queiroz; Projeto Arte-Educação; Projeto Cidadania Ativa; Projeto Jovem Voluntário; Projeto Educação e saúde; Projeto Formação Profissional; Projeto do Centro Nacional de treinamento de Atletismo; Projeto Atenção Médica Integrada; Projeto Núcleo de Práticas Jurídicas e Núcleo de Ações Estratégicas.

A aplicação de ações de Responsabilidade Social em projetos desenvolvidos pela Vice-Reitoria de Extensão Comunitária com a participação da Divisão de Responsabilidade Social e Divisão de Assuntos Desportivos, tem como objetivo a operacionalização dos referidos projetos desportivos às pessoas das comunidades circunvizinhas da UNIFOR, uma vez que esses projetos buscam atender a demandas de inserção de jovens em situação de vulnerabilidade social, em atividades cidadãs, nesse estudo as atividades desportivas antes um pouco escassas em comunidades desassistidas dessas ações.

Além disto, nessa trajetória, vivencia algumas atividades no campo da ação social que permitiu o aprofundamento no estudo desses projetos, cujos resultados vêm representando melhorias sociais na vida das pessoas inclusas nas atividades desportivas, moradores residentes na comunidade vizinha do campus, além de uma melhor formação cidadã dos corpos docentes e discentes da UNIFOR.

O conceito de organizações socialmente responsáveis nesse milênio indica aplicações em ações de promoção da Responsabilidade Social. Sendo assim, Instituições de Ensino Superior (IES) vêm dando um grande passo quando decidem aplicar ações práticas de extensão acadêmicas na sociedade por meio de projetos oriundos de pesquisas que buscam

melhores indicadores sociais que apresente melhoria de vida das pessoas envolvidas.

Para a formação do aluno enquanto cidadão, a prática do exercício de prestar ação social em comunidades carentes, vem despertando curiosidades e apoio de organismos que regulam o valor da extensão acadêmica. Nesse contexto quando tomam iniciativa de incluir na sua (matriz curricular) ações reais de aplicação entre teoria e prática na comunidade acadêmica, existe o correlacionamento da prática em projetos sociais relevantes e uma boa aceitação na sociedade.

Drucker (2002) ressalta que sucesso e Responsabilidade Social caminham juntos. Para o autor o indivíduo é cobrado pela sociedade por atos socialmente responsáveis em face à opinião pública, ocorrendo o contrário ele corre o risco de responder pelo não cumprimento dos referidos atos. Ainda sob o enfoque da gestão acadêmica a *Equipo Cordinador Universidas Construye Pais* (2002), indica que é missão das universidades a formação das elites intelectuais nos países, gerando conhecimento, humanistas, cientistas e profissionais para contribuírem com o desenvolvimento de um país (VILLAGRAN, 2012).

Diante do assunto abordado surge o seguinte problema de pesquisa que irá conduzir o presente estudo: Qual a contribuição do Projeto Escola de Esportes da UNIFOR na melhoria de vida na opinião dos entrevistados (docentes, discentes e jovens atletas em estudo)?

O trabalho assume que a UNIFOR tem realizado um trabalho de profunda influência em ações de Responsabilidade Social na área do desporto e tem impactado positivamente na vida dos participantes nessa atividade, ou seja, aos corpos docentes, discentes do curso de Educação Física da Universidade supracitada, além de atletas formados por esses profissionais, residentes em comunidades do entorno onde a Instituição está localizada.

Desta forma, o objetivo geral do trabalho é: identificar a contribuição do Projeto Escola de Esportes da UNIFOR do ponto de vista da RSU. E os objetivos específicos são:

- a) identificar a influência do Projeto Escola de Esportes do ponto de vista da RSU sobre os docentes;
- b) identificar a influência do Projeto Escola de Esportes do ponto de vista da RSU sobre os discentes;
- c) identificar os impactos gerados pelo Projeto Escola de Esporte aos participantes em estudo.

A escolha do tema deste trabalho é fruto da relevância de projetos e ações de responsabilidade social da UNIFOR. No tocante aos benefícios gerados aos jovens das comunidades do entorno, além da profícua participação dos corpos docentes e discentes do Curso de Educação Física envolvidos nas ações que culminaram na inserção desses jovens que dantes se encontravam à margem da vulnerabilidade social quando eram apresentados indicadores sociais negativos.

Essa perspectiva está demonstrada na aplicação da educação inclusiva num programa de Desporto, cuja vivência mostra uma trajetória de sucessos e representatividade quanto ao sentido do trabalho de extensão acadêmica da UNIFOR, quando fornece a outras pessoas interessadas na temática (pesquisadores), subsídios para pesquisas empíricas e logo após, sejam utilizadas como modelo progressivo nos cursos de Educação Física e correlatos.

Ainda com relação à relevância do presente estudo, no âmbito acadêmico, um dos indicadores importantes seria a soma do conhecimento específico na área do desporto. No quesito social convém mostrar o valor da pesquisa complementada pela ação da atividade física do desporto como elemento balizador de uma melhoria de vida.

Quanto à estrutura desse estudo, além desta introdução, este trabalho está dividido em mais seis seções. A segunda seção desenvolve conceitos, fundamentação e importância da Responsabilidade Social para as empresas e instituições, enfocando a Responsabilidade Social nas universidades e o papel da Vice-Reitoria de Extensão Comunitária na gestão dos projetos da UNIFOR especificamente o projeto “Escola de Esportes”.

A terceira seção trata do levantamento histórico da UNIFOR e sua ascensão em projetos de Responsabilidade Social. A quarta seção apresenta-se os procedimentos metodológicos adotados pelo presente estudo. A quinta seção são apresentados os resultados da análise dos dados. Por fim, nas considerações finais, abordam-se as conclusões a que foi possível chegar após a realização deste estudo. Os objetivos geral e específicos foram retomados e demonstram-se como foram alcançados.

2 RESPONSABILIDADE SOCIAL: CONCEITOS, FUNDAMENTAÇÃO E IMPORTÂNCIA PARA AS EMPRESAS E INSTITUIÇÕES

Nesta seção são examinados os conceitos da RS, sua evolução, fundamentação e a importância deles para as empresas e as modernas organizações, especialmente para as instituições de ensino. Aborda-se a relevância destes conceitos na moderna teoria administrativa e a significância deles para o bom convívio das organizações no meio onde estão inseridas. Surge então a necessidade de examinar também o conceito de desenvolvimento sustentável que caminha em paralelo com o de responsabilidade social das organizações.

IES que não tinham hábito de ter como estratégia a utilização da responsabilidade social nas suas ações passam a aderir o conceito de acordo com alguns postulados como podemos citar Cardoso (2002) quando o autor divide em dois níveis: o primeiro, nível interno que tem relação com os trabalhadores responsáveis por poderem influenciar nos resultados organizacionais. A influência das organizações sobre componentes externos, como o ambiente, os seus parceiros de negócio e meio envolvente, é a relação do segundo nível. Também considera “investimento ético”, empresas de comportamento socialmente responsável, sendo recompensadas em longo prazo pelo mercado global.

Descrever sobre o desenvolvimento sustentável sem aportar os valores existentes em uma ação de responsabilidade social faz parte dos temas discutidos por diversos autores e pesquisadores que acreditam que valores como a ética e compromisso na responsabilidade social é o melhor caminho para comparar a cidadania e a democracia dos povos (MARTINS, 2008). O autor apresenta neste contexto, os cinco fatores que originaram o conceito de RS. São eles:

1. globalização acelerada aumenta a concorrência empresarial;
2. ameaças de crescimento rápido da pobreza e a exclusão social;
3. o avanço do conceito de redes, induzido pela Tecnologia da Informação e da comunicação;
4. crescimento da consciência ambiental;
5. exigência por ética.

Brasil (2014, p. 106) corrobora com Martins (2008) ao explicar que:

a universidade têm relevante papel social que vai além da prerrogativa de influenciar os estudantes, como formadora de opiniões no ensino, na pesquisa e na extensão na medida em que poderá tomar medidas influenciadoras ao relacionam-se com as empresas, governos, ONGs etc. rumo à sustentabilidade. (BRASIL, 2014, p. 106).

Para melhor visualização sobre o desenvolvimento sustentável e à ação de responsabilidade social, vale mostrar a história das iniciativas tomadas na sociedade, em Educação e Ensino Superior para promover o Desenvolvimento Sustentável conforme é relatado no (QUADRO 1).

Quadro 1 – História das iniciativas tomadas na sociedade, em educação e ensino superior para promover o desenvolvimento sustentável

Ano	Evento/declaração	Nível ou foco
1972	Declaração de Estocolmo sobre o Ambiente Humano, UN. Conferência sobre Ambiente Humano, Suécia.	Sociedade
1975	A carta de Belgrado, Conferência de Belgrado sobre Educação Ambiental, Iugoslávia.	Educação
1977	Declaração de Tbilisi, Conferência Intergovernamental em Educação Ambiental, Georgia.	Educação
1987	“Nosso Futuro Comum”, o Relatório Brundtland.	Sociedade
1990	Declaração de Talloires, presidentes de conferências, França.	Educação Superior
1991	Declaração de Halifax, Conferência sobre a Ação da Universidade para o Desenvolvimento Sustentável, Canadá.	Educação Superior
1992	Relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Conferência do Rio); Agenda 21, capítulo 36: Conscientização da Educação Pública e de Formação e capítulo 35: Ciência para o Desenvolvimento Sustentável.	Sociedade
1992	Associação de Líderes Universitários para um Futuro Sustentável, EUA.	Educação Superior
1993	Declaração de Kyoto, Associação Internacional de Universidades, Nona Rodada de Discussão, Japão.	Educação Superior
1993	Declaração Swansea, Associação de Universidades da Comunidade, XV Conferência Quinquenal, País de Gales.	Educação Superior
1993	Carta Universitária COPERNICUS, Conferência de Reitores Europeus (CRE).	Educação Superior
1996	Universidade Estadual de Ball, Conferências Verdes do campus realizadas em 1997, 1999, 2001, 2003, 2005, 2007 e 2009.	Educação Superior
1997	Declaração de Salónica (Thessaloniki), a Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade, Grécia.	Educação
1999	Gestão Ambiental para Universidades Sustentáveis (Environmental Management for Sustainable Universities - EMSU) primeira conferência, realizada na Suécia. Conferências seguintes realizadas em: 2002 (África do Sul), 2004 (México), 2006 (EUA), 2008 (Espanha), e em 2010, na Holanda.	Educação Superior
2000	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.	Sociedade
2000	Declaração de HAGA, Estocolmo, Suécia.	Educação
2000	Carta da Terra.	Sociedade

2000	Parceria Global do Ensino Superior para a Sustentabilidade (Global Higher Education for Sustainability Partnership - GHESP).	Educação Superior
2001	Declaração de Lüneburg sobre a Educação Superior para o Desenvolvimento Sustentável, Alemanha.	Educação Superior
2002	Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, em Joanesburgo, África do Sul (Resultados: Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, e para a Sociedade Civil: a Declaração de Ubuntu).	Sociedade
2004	Declaração de Barcelona.	Educação Superior
2005	Início da Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (DEDS).	Educação
2005	Declaração Graz sobre o compromisso das Universidades com o Desenvolvimento Sustentável, na Áustria.	Educação Superior
2007	Declaração de Genebra, Global Compact Leaders Summit, Suíça.	Empresas
2008	Declaração de Sustentabilidade de Sapporo, Hokkaido, Japão.	Educação Superior
2009	Declaração Torino (Turim), de Educação e Pesquisa para o	Educação Superior
Ano	Evento/declaração	Nível ou foco
	Desenvolvimento Sustentável e Responsável, Itália.	
2009	Declaração de Abuja sobre Desenvolvimento Sustentável na África: O papel do ensino superior no Desenvolvimento Sustentável, Nigéria.	Educação Superior
2009	Declaração de Bonn na Conferência Mundial sobre Energias Renováveis, Alemanha.	Educação
2012	Compromisso com práticas sustentáveis das Instituições de Ensino Superior por ocasião da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável- Rio+20.	Educação Superior

Fonte: Brasil (2014, p. 106).

Dentro dessa perspectiva no estudo comparativo entre uma empresa ética e outra moderada sem conceituar ações de responsabilidade social, Raiborn e Payne (1990) definem o comportamento ético organizacional ancorando-o em quatro níveis comportamentais existentes nessas empresas:

1. **Básico:** esse tipo de comportamento ressalta com base na “letra” da lei um comportamento mínimo suportável, o que ele considera superficial e reprodutivo;
2. **Usual:** comportamento composto de lisura e moralidade não apreciado totalmente por parte da sociedade;
3. **Prático:** a exigência está na moral e não na prática que ele considera de difícil alcance;
4. **Teórico:** de aplicabilidade prática com grande potencial para o bem ou para com o espírito da moral.

Partindo destes níveis defendidos pelos autores precedentes, chega-se a conceitos de responsabilidade social que podem ser aplicados em um *campus* universitário. Assim é que Urzúa, (2001) defende que a responsabilidade social desenvolvida num *campus* acadêmico tem como missão neutralizar fatores de desigualdade no contexto socioeconômico e cultural onde atua o imperativo do sistema educativo. Nessa perspectiva o autor ressalta que os

sistemas educativos deverão se preocupar com o avanço da desigualdade social, da pobreza, desenvolver o capital social além de práticas de desenvolvimento sustentável.

Considerando as situações expostas Gardner (2009), afirma que levam a ocorrer na sociedade os seguintes fatores: desigualdade, a falta de oportunidade, a corrupção, a falta de responsabilidade e o exercício profissional inadequado. É algo semelhante ao que descreve Schön (2005) ao examinar a crise de confiança no conhecimento profissional. Para ele esta crise é similar na preparação dos profissionais. “Se o mundo profissional é acusado de ineficácia e desonestidade, os centros de educação de profissionais são acusados de não saber ensinar as noções elementares de uma prática eficaz e ética (SCHÖN, 2005, p. 114).

Este mesmo componente, a ética, mencionado por Schön (2005) é também enfatizado por muitos outros autores e pensadores na área de responsabilidade social e desenvolvimento sustentável. Para Almeida (2005, p. 65), por exemplo, afirma que responsabilidade social é o “comprometimento permanente dos empresários de adotar um comportamento ético e contribuir para o desenvolvimento econômico”. Almeida (2005, p. 66) corrobora ainda que além do comprometimento deve haver a intenção de lutar para a melhora simultânea da “qualidade de vida de seus empregados e de suas famílias, da comunidade local e da sociedade como um todo”.

Na busca de ações que buscam minimizar a exclusão social, com a implementação de condutas éticas e socialmente responsáveis, as organizações da sociedade contemporânea conscientes dos impactos em suas ações, buscam como fins de retorno econômico e o exercício da cidadania logrando uma melhor imagem nessa sociedade, reafirmar indicadores sociais que superem esses impactos, por meio de ações voltadas à Responsabilidade Social Corporativa (RSC) (MACHADO FILHO, 2006). O autor assegura ainda que conectar uma matriz institucional aos conceitos de responsabilidade social, ética, reputação e governança corporativa, devem-se destacar as seguintes questões conexas centrais (MACHADO FILHO, 2006, p. 34):

- a) quais os condicionantes institucionais em torno da ação socialmente responsável das empresas?
- b) o que tem a ver a conduta ética e socialmente responsável das empresas com o desenvolvimento institucional das sociedades?
- c) qual a relação entre o processo de globalização e o comportamento das empresas?

d) qual a relação entre o exercício da responsabilidade social e o aumento do capital reputacional empresarial?

e) e a relação entre a reputação das organizações e desempenho econômico?

Diante do exposto acima, Karkotli, (2004, p. 13) corrobora:

a busca constante por lucros como objetivo único empresarial passa por alterações na gestão organizacional, decorrente de mudanças no perfil comportamental da sociedade, pois deverá acontecer maior conscientização de se assumir novas compromissos que vão além da definição feita pela ordem econômica centrada no mercado.

Defendendo que a consolidação das instituições de governança democrática como base para o desenvolvimento econômico e social, Machado Filho (2006) conceitua temas para reflexão e análises de situações reais entre empresas, organizações do terceiro setor, cooperativas e associações. O quadro 2 mostra as formas de análise do conceito de Responsabilidade Social Empresarial (RSE), identificando as diversas visões existentes segundo (MELO NETO; FROES, 2001).

Quadro 2 – Análise do conceito de responsabilidade social empresarial

Características	Definição
A responsabilidade social como atitude e comportamento empresarial ético e responsável	É dever e compromisso da organização assumir uma postura transparente, responsável e ética em suas relações com os seus diversos públicos (governo, clientes, fornecedores, comunidade, etc).
A responsabilidade social como um conjunto de valores	Não incorpora apenas conceitos éticos, mas uma série de outros conceitos que lhe proporciona sustentabilidade, como por exemplo, autoestima dos funcionários, desenvolvimento social e outros.
A responsabilidade social como postura estratégica empresarial	A busca da responsabilidade social é vista como uma ação social estratégica que gera retorno positivo aos negócios, ou seja, os resultados são medidos por meio do faturamento, vendas e <i>marketshare</i> .
A responsabilidade social como estratégia de relacionamento	Voltado na melhoria de qualidade do relacionamento com seus diversos públicos-alvo, a responsabilidade social é usada como estratégia de marketing de relacionamento, especialmente com clientes, fornecedores e distribuidores.
A responsabilidade social como estratégia de marketing institucional	O foco está na melhoria da imagem institucional da empresa. São os ganhos institucionais da condição de empresa-cidadã que justificam os investimentos em ações sociais encetadas pela empresa.
A responsabilidade social como estratégia de valorização das ações da empresa (agregação de valor)	Para Georgete Pereira, "a reputação de uma empresa e o valor de suas ações no mercado andam juntos" (CECATO, 2000 apud MELO NETO e FROES, 2001, p. 40). Uma pesquisa feita por esta organização identificou que 70% do valor de mercado de uma empresa dependem de seus resultados financeiros. Os outros 30% dependem da sua reputação no mercado.
A responsabilidade social como estratégia de recursos humanos	As ações são focadas nos colaboradores e nos seus dependentes, com o objetivo de satisfazê-los e conseqüentemente reter seus principais talentos e aumentar a produtividade.
A responsabilidade social como estratégia de valorização de produtos/serviços	O objetivo não é apenas comprovar a qualidade dos produtos/serviços da empresa, mas também lhes proporciona o status de "socialmente corretos".
A responsabilidade social como	A empresa busca aprimorar suas relações com a comunidade e a

Quadro 2 – Análise do conceito de responsabilidade social empresarial

Características	Definição
estratégia de inserção na comunidade	sociedade e também a definição de novas formas de continuar nela inserida.
A responsabilidade social como estratégia social de desenvolvimento na comunidade	A responsabilidade social é vista como uma estratégia para o desenvolvimento social da comunidade. Dessa forma, a organização passa a assumir papel de agente do desenvolvimento local, junto com outras entidades comunitárias e o próprio governo.
A responsabilidade social como promotora da cidadania individual e coletiva	A empresa, mediante suas ações, ajuda seus colaboradores a se tornarem verdadeiros cidadãos e contribui para a promoção da cidadania na sociedade e na comunidade.
A responsabilidade social como exercício de consciência ecológica	A responsabilidade social é vista como responsabilidade ambiental. A empresa investe em programas de educação e preservação do meio ambiente, e conseqüentemente, torna-se uma difusora de valores e práticas ambientalistas.
A responsabilidade social como exercício de capacitação profissional	Neste caso, o exercício de responsabilidade social se dá com a capacitação profissional dos membros da comunidade e empregados da empresa.
A responsabilidade social como estratégia de integração social	Esse conceito parte do pressuposto de que o maior desafio histórico da nossa sociedade atual é o de criar condições para que se atinja a efetiva inclusão social no país.

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Melo Neto e Froes (2001).

São muitos os significados e sinônimos para o termo RS, tais como: desenvolvimento sustentável, capitalismo sustentável, marketing social, filantropia empresarial, ativismo social e empresarial e crescimento sustentável segundo (MELO NETO; FROES, 2001). Garcia, (2004) acrescenta que é um conjunto de ações adotadas por empresas que estão inseridas na sociedade. Também ele ressalta que no momento em que a empresa está convencida do seu papel social, passará por um constante fortalecimento junto da sociedade.

Considerando os diversos conceitos acerca da responsabilidade social existem autores que defendem como uma “obrigação social” como define Friedman, (1970); já Davis e Blomstrom, (1975) definem como “aprovação social” e Zadek, (1998) define como “abordagem sistêmica dos *stakeholders*”. Todas estas definições ainda que aparentemente diferentes em suas nomenclaturas, convergem todas para a afirmação de que na atualidade as empresas necessitam não apenas pensar em resultados econômicos em termos de rentabilidade de seus ativos, mas também em serem co-participantes dos danos que por ventura venham a causar às comunidades em que estão inseridas, como é tratado no caso no *locus* desse estudo, os docentes, discentes e os moradores de seu entorno da UNIFOR.

A responsabilidade social assume papel de destaque no mundo dominado pelas novas tecnologias da produção da comunicação e da informação, mesmo com modelos e sistemas de gestão inovadoras propostas. Nesse contexto Beuren (2004), afirma que organizações terão que se adaptar a economia globalizada, quando a preocupação premente é assegurar-se

competitivamente no mercado. Além disto, a autora lembra que o centro de atenção das empresas passa a ser a manutenção da qualidade de vida das pessoas inseridas em todo o sistema.

Karkotli, (2004, p. 15) complementa que “um grande desafio serão empresas participarem de uma nova gestão que assuma uma nova agenda de responsabilidades em um mercado altamente competitivo, onde existe a necessidade de mudanças estratégicas quanto à valorização humana e melhoria na sua qualidade de vida, além da equidade social e o do equilíbrio ecológico”. O autor também defende que para sobreviver e serem competitivas nesse ambiente turbulento, as empresas procuram, cada vez mais, administrar por meio estratégias orientadas por paradigmas qualitativos, ou seja, postura ética, qualidade total na produção e respeito e proteção ao meio ambiente.

No campo educacional essa competitividade é lembrada por Mougan (2003) apud Bolivar (2005), que nesse sentido a educação aplicada de forma ética, não estava presente na transmissão de conhecimento produzida no ensino. Defende ainda, que a qualidade da educação superior esteja intrinsecamente ligada à formação ética representada pelas seguintes primícias:

- a) da formação para o exercício da profissão;
- b) da formação cidadã dos estudantes;
- c) da formação humana, pessoal e social.

No campo da educação superior, o profissional cuja responsabilidade social complementa-se com a formação humana, ética e cidadã, e remete à ideia de pensadores e críticos renomados no processo pedagógico assim como Freire (1996, p. 50) quando o mesmo faz a seguinte reflexão:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade.

Seguindo esse consenso mencionado por Freire (1996) e, conseqüentemente considerando que a “responsabilidade social e o compromisso cidadão” fazem parte das 27 competências genéricas prioritárias para a educação em nosso continente, Martínez (2006, p. 91) analisa o Projeto “*Tuning Latino América, 2007*”, onde a coesão social levantada onde o

autor reafirma que os problemas de desenvolvimento científico e tecnológico “não se resolvem com respostas científicas e técnicas, mas sim com respostas sociais e éticas”.

De acordo com mudanças ocorridas na economia atual diante de irrelevantes atos econômicos surgiram inúmeras preocupações financeiras. Ao discorrer sobre tal ameaça Siffert (2014, p. 42) declara:

Da previsão do tempo ao mercado de ações, das colônias de cupins à Internet, a constatação de que mudanças diminutas podem acarretar desvios radicais no comportamento de um sistema veio reforçar a nova visão probabilística da física. O comportamento de sistemas físicos, mesmo os relativamente simples, é imprevisível. [...] Mas a segunda constatação é ainda mais estranha: há padrões, regularidades por trás do comportamento aleatório dos sistemas físicos mais complexos, como a atmosfera ou o mar.

Essa tendência corresponde ao novo mercado globalizado, fator motivador que impõe às empresas quebrarem paradigmas tradicionais de formas de gestão (KARKOTLI, 2004).

2.1 Princípios básicos de responsabilidade social da Revolução Industrial e Governança Corporativa

Empresas que buscam ganhos usando uma postura socialmente responsável buscam como requisitos éticos: “Melhorar a imagem institucional, criar ambiente interno e externo favoráveis estimulando melhorias contínuas em processos produtivos, e melhorar a competitividade no mercado, no gerenciamento da qualidade total e ambiental” (KARKOTLI, 2004, p. 16), são requisitos para boas perspectivas na condução ética da empresa que busca ganhos dentro de uma postura socialmente responsável.

Na busca de afirmar princípios socialmente responsáveis as universidades brasileiras atravessam um momento de reorganização quando dentro de seu espaço (entorno) existem comunidades cujas necessidades sociais rompem tradicionalmente o assistencialismo em um movimento em torno de gestão socialmente responsável. Essa máxima é defendida por (BOLAN; MOTTA, 2007, p. 33): “no ensino superior a responsabilidade social ultrapassa os princípios da governança corporativa e é aplicável a tríplice missão universitária do Ensino, da Pesquisa e Extensão”.

Para explicar a busca de uma postura socialmente responsável das empresas/organizações, é interessante verificar o contexto administrativo entre o ser humano

e a força física intelectual. Karkotli (2004) expõe que as teorias clássicas e científicas da administração, para suprir necessidades industriais, o ser humano era considerado apenas como uma peça da engrenagem fabril. Nesse sentido surgiram críticas da Escola de relações Humanas ao modelo capitalista empresarial desde a Revolução Industrial, corresponde ao fato do homem passar a maior parte de sua vida, alguns cogitam 40% do tempo geral laboral, ao dedicarem força física e intelectual apenas para produção de bens e serviços, em prol de melhores resultados produtivos e financeiros para as empresas, no final, recebem remuneração pela atividade desenvolvida.

No mesmo contexto, acreditava-se que empresas tradicionais tinham como responsabilidade apenas a visão econômica quando se busca a maximização de lucros e minimização de custos (DONAIRE, 1995). Na contramão deste processo, Srour (1998) exprime que empresas e países capitalistas, atuam com bastante ambiguidade moral, onde se prima o interesse pessoal visto para eles como o motor da economia.

Nessa abordagem está à escola clássica, orientando administradores a influírem diretamente nesses aspectos organizacionais tanto na área comportamental e estrutural, no entanto administradores ainda não enxergavam importância da percepção e influência do ambiente externo (STONER, 1985).

Sob a égide da exigência da prática da responsabilidade social nas empresas na busca da competitividade em outros mercados (KARKOTLI, 2004), compreende que o caminho natural para a prática da responsabilidade social está relacionado à gestão da qualidade e gestão ambiental como a melhor forma de se concorrer ao mercado global. Esse comportamento socialmente responsável só se emprega quando a sobrevivência de empresas do sistema capitalista encontra-se ameaçada e que nem sempre é um ato voluntário quando mecanismos de controle da sociedade civil se projetam à diferentes públicos.

Para a empresa/instituição estar inserida no mercado com algumas vantagens e a certeza de uma boa imagem organizacional perante a sociedade, tem que seguir critérios e princípios éticos que a levam ao cooperativismo espontâneo. Distinção entre organizações e a sociedade pautada numa visão contemporânea quando essas empresas não se consideram apenas uma entidade econômica independente e sim como empresas partícipes da sociedade (CERTO; PETER, 1993).

Assim como existiu a era da qualidade e gestão ambiental, é a vez da responsabilidade social nas rotinas das organizações para que se desenvolvam com dinamismo e flexibilidade. Waack (2006) em palestra ministrada no Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) comenta que ao se incorporar melhores práticas de governança corporativa os avanços sociais se harmonizam. Para as organizações privadas um dos pontos mais relevantes nesse processo quanto à aplicação da responsabilidade social é poder mensurar seus resultados relacionados à “reputação, acesso aos mercados, melhoria do ambiente interno, harmonização da relação com os *stakeholders* e ganhos de competitividade” (WAACK, 2006, p. 34).

Diante dessa mesma perspectiva, o modelo estruturalista tinha como visão, todos os aspectos a serem integrados onde se considerava a organização uma única estrutura, com visão sistêmica, inserindo toda a organização num meio ambiente originando o desenvolvimento de suas atividades (FERREIRA et al., 1997).

Considera-se que um número maior de variáveis deve ser considerado na decisão dos administradores quando o ambiente assume importância nas demandas empresariais onde *stakeholders* internos esperam por bons resultados, além dos acionistas, dirigentes, trabalhadores e *stakeholders* externos como consumidores, os fornecedores, os concorrentes, governos, a mídia, os sindicatos, instituições financeiras e outros grupos que a organização tem relação direta ao seu “empenho” e resultados (KARKOTLI, 2004).

A interação dos grupos dos *stakeholders* com as organizações vem por meio da troca de recursos pelo bem ou serviços desejados. Para eles são demandas básicas: além de propaganda honesta, itens como segurança, preços acessíveis e boa qualidade dos produtos (DUARTE; DIAS, 1986). Uma boa interpretação de empresa inserida no contexto político-social iniciou de Gonçalves (1989), onde a empresa seria importante numa tríplice realidade: econômica, humana e social.

Empresas com características responsáveis terão seus produtos ou serviços com maior aceitação no mercado global. Karkotli (2004) faz a identificação de diversos parceiros que mantêm relacionamentos com a empresa, quebrando o paradigma em que o capital por si só produz resultados, sem a necessidade do trabalho e da inteligência do homem e dos recursos naturais, esses parceiros serão indicados no quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – A empresa e suas parcerias

Parceiros	Contribuições	Demandas básicas
Acionistas	Capital	Lucros e dividendos; Preservação do patrimônio.
Empregados	Mão de obra; Criatividade; Ideias; Tempo.	Remuneração justa; Condições adequadas de trabalho; Segurança, saúde e proteção; Reconhecimento; Realização pessoal.
Fornecedores	Mercadorias	Respeito aos contratos; Negociação leal; Parceria.
Clientes	Dinheiro	Segurança e boa qualidade dos produtos e serviços; Preço acessível; Atendimento de necessidade e desejos.
Concorrentes	Competição; referencial de mercado.	Lealdade na concorrência; Propaganda honesta.
Governo	Suporte institucional, jurídico e político.	Obediência às leis; Pagamento de tributos.
Grupos e movimentos	Aportes socioculturais diversos	Proteção ambiental; Respeito aos direitos das minorias; Respeito aos acordos salariais.
Comunidade	Infraestrutura	Respeito ao interesse comunitário; Contribuição para a melhoria da qualidade de vida da comunidade; Conservação dos recursos naturais, etc.

Fonte: Karkotli (2004 apud ARAGÃO, 2000).

O quadro 3 acima exprime que nos dias atuais o capital sozinho não produzirá riquezas para o funcionamento de empresas. As contrapartidas com a sociedade ditam o relacionamento em termos de contribuições sociais no mercado.

2.2 Responsabilidade Social nas Universidades

A cada dia que passa, a responsabilidade social é mais discutida nos diferentes ambientes da sociedade. Ela mudará o mundo das organizações, pois já tem, e terá muito mais, influência nas relações entre capital e trabalho. Avança com consistência nas interfaces entre empresas e as comunidades de seus entornos e, recentemente, ampliou seus horizontes para uma abordagem mais sistêmica, dando substância ao candente conceito de sustentabilidade (MACHADO FILHO, 2006).

No entanto o tema apresentado na Conferência Europeia sobre RSC, realizada na cidade de Maastricht (Holanda), indicou que existe um longo e escuro caminho que ainda não está trilhado ao entendimento da sociedade por ser uma discussão moderna. Quanto a esse caminho, espera-se que a universidade contribua consistentemente para a sua construção.

Já o conceito de Elkington (2012), o qual aborda sobre os três pilares da sustentabilidade (econômica, social e ambiental), conhecidos como *Triple Bottom Line*, que objetiva a prosperidade econômica, a qualidade ambiental e a justiça social, passa a ser mais

uma teoria no mundo corporativo. Segundo esses passos as instituições que praticam a responsabilidade social representam:

Um conjunto de forças distintas, mas interconectadas, como a desregulamentação e globalização, rápidos avanços na tecnologia da informação, os crescimentos do poder do consumidor e da sociedade civil estão agora combinados e trazendo a responsabilidade corporativa para uma posição de destaque em muitas organizações. Nesta era da informação, as implicações da não adoção de melhores práticas quanto ao meio ambiente, ambiente de trabalho e comunidade podem variar de má cobertura das mídias até a completa exclusão do mercado. Estes são tempos preciosos para a construção social do moderno capitalismo. (ANDRIOF; MCINTOSH, 2001, p. 5).

E não, no sentido contrário segundo o modelo capitalista autoritário da China, quando existe um grande embate com o regime capitalista democrático (ARRIGHI, 2008). Pompeu e Carvalho, (2012, p. 100) corroboram que para “o desenfreado crescimento econômico que põe em evidência milhares de vidas humanas e ecossistemas levará o supercapitalismo a se adequar quanto aos princípios da sustentabilidade”, pois atividades que envolvam o meio ambiente deverão ser intangíveis e inegociáveis na manutenção da ética social e empresarial.

O que não se pode admitir são falácias quando tentam encobrir a real distribuição de riqueza global Silva, (2005) enfatiza sua preocupação quando estratégias de concentração local de riqueza visam uma perspectiva de cooperação internacional entre os comércios para mitigar a pobreza, prevendo abranger globalmente todos os povos.

Diferentemente dos que muitos previam, a globalização da economia, nos moldes propostos pelo que se convencionou chamar de Consenso de Washington não promoveu desenvolvimento disseminado pelos continentes. Ao contrário às estatísticas demonstram que a maioria dos países da África e da América Latina apresenta atualmente índices econômicos e sociais que são iguais ou – em muitos casos – piores do que o de vinte anos atrás. (SILVA, 2005, p. 65).

Características como a dimensão ética, integrada às dimensões econômica e legal que pertencem à atividade empresarial, são percebidas por acadêmicos de distintas correntes de pensamento. No entanto quando aprofundam o enfoque sobre a dimensão ética nessa natureza, o consenso se desfaz e compartilham a visão dos *stakeholders* quando a dimensão ética é quebrada com a volta dos acionistas ou cotistas das empresas, já que: “os gestores têm a atribuição ética de respeitar os direitos de todos os agentes afetados pela empresa e promover o seu bem,”... comunidade local, bem como gestores, que devem ser agentes a serviço desse grupo ampliado (MACHADO FILHO, 2006, p. 2-4).

Ainda referindo-se à visão dos *stakeholders* e a busca de considerar os impactos nas organizações gerados pela alocação de recursos dentro e fora das organizações que seriam minimizados pela gestão desses atores, Freeman (1994), sugere a divisão do termo *stakeholders* indicando duas categorias: os “primários” (acionistas e credores) que detêm do poder legal sobre os recursos da organização e os “secundários” (funcionários, consumidores, comunidades) cujos direitos diretivos são mais brandos, baseia-se apenas em critérios de lealdade e obrigações éticas. Nesse sentido a função social é forma branda das empresas cumprirem junto à sociedade, inserindo nesse contexto o conceito de empresa socialmente responsável.

2.3 Diretrizes sobre responsabilidade social: a *International Organization for Standardization (ISO) 26000*

Para atender novos anseios na incorporação de atividades econômicas com a nova ordem dos mercados internacionais a ISO fundada em fevereiro de 1947 em Genebra na Suíça, criada para padronização e normalização de 170 países e que tem como missão a adequação das variadas culturas e contextos econômicos entre eles: os Direitos Humanos; as Práticas de Trabalho; o Meio ambiente e a Governança Corporativa, criou um dos principais guias de responsabilidade social a ISO 26000, documento para UNIFORMIZAR a normatização e harmonia em ações de caráter de responsabilidade social, com o exercício da economia mundial (POMPEU; CARVALHO, 2012).

Ainda sobre a condição agregadora da ISO 26000, representando uma comunhão de esforços e o seu caráter *multi-stakeholders*, verifica-se o seguinte:

Em um processo marcado por representantes de diversas categorias de *stakeholders* – Consumidores; Empresas; Governos; Trabalhadores; ONGs; e Serviço, suporte, pesquisa e outros – se encontram para debater as principais tendências e buscar um futuro consensual para a responsabilidade social no mundo. Além disso, pela primeira vez na ISO, a liderança de um processo desta natureza é compartilhada entre um país em desenvolvimento, o Brasil (ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas), e um país desenvolvido, a Suécia (SIS, *Swedish Standards Institute*). (POMPEU; CARVALHO, 2012, p. 111).

2.4 Definição de *stakeholder* e *shareholders*

Após o surgimento da Teoria dos *Stakeholders* na década de 80 e o seu desenvolvimento na década de 90, principalmente com os trabalhos de Clarkson (1994, 1995), Donaldson e

Preston (1995), Rowley (1997), Freeman (1999), Goodpaster (1991) e Mitchell, Agle e Wood (1997), entre outros, esta abordagem teórica ganhou espaço entre acadêmicos e profissionais da área da gestão como um novo modelo gerencial que considera, para além de acionistas, funcionários, fornecedores e clientes, outros potenciais interessados nas atividades de uma empresa (CLARKSON, 1995).

Com as mudanças estratégicas no campo das universidades acrescidos da preocupação com a concorrência devido a criação de universidades virtuais (EAD), universidades corporativas, IES que se internacionalizaram (MINTZBERG; ROSE, 2003), o mercado educacional, especificamente os *stakeholders* ligados à educação sentiram o acréscimo da concorrência. Desta forma ocorreram cobranças nessas instituições de uma gestão mais empresarial e mais profissional.

A designação de *stakeholders* condiz com grupo ou indivíduos que afetam ou são afetados o alcance dos objetivos das empresas (FREEMAN, 1984). Dessa forma pode-se considerar como um público estratégico. Logo *stake* significa interesse, participação, risco, e *holder* aquele que possui, o termo determina a parte interessada ou interveniente. *Stakeholder* é uma palavra inglesa muito utilizada nas áreas de comunicação corporativa, administração e tecnologia da informação cujo objetivo é designar as pessoas e grupos mais importantes para um planejamento estratégico ou plano de negócios, ou seja, as partes interessadas. Simpson e Kohers, (2002) defendem que investimentos sociais aplicados pelas empresas reduzem lucros e riquezas dos *shareholders*.

Na busca da otimização de projetos ou processos organizacionais, as pessoas responsáveis conseguem ter uma visão ampla da importância dos *stakeholders* no meio. Considerado também como um modelo empresarial ou grupo que tem papel direto e indireto na gestão de resultados organizacionais, são formados pelos gerentes, gestores, proprietários e funcionários, por Organizações Não Governamentais (ONGs), clientes, credores, sindicatos, Estado que estejam diretamente relacionados a um projeto ou uma ação. Na área de tecnologia da informação, o *stakeholder* também exerce importante papel, pois para a arquitetura de software é importante ter o conhecimento das partes interessadas. O outro modelo empresarial é baseado nos *shareholders* (acionistas).

Esses modelos, considerados como RSC, formam o elo entre as empresas e as partes interessadas quando necessita de firmar-se como organização social que traz algum benefício

visando o equilíbrio social. O lucro é dividido proporcionalmente entre as partes conforme a participação de cada elemento: acionistas ou proprietários *shareholder*, clientes, fornecedores, acionistas é conhecido como um modelo de responsabilidade financeira medido pelo sucesso nos lucros da empresa.

2.5 Definições de capital social

O interesse científico e econômico sobre a expressão “capital social” partiu dos trabalhos de James Coleman e Robert Putnam (1988, 1990) quando caracterizaram Capital Social como “um conjunto específicos de relações interpessoais que condicionam ou determinam o comportamento econômico”. Em 1998 Woolcock defende a inserção teórica do capital social na sociologia, antropologia, política e economia. A partir daí, autores contemporâneos como Jane Jacobs, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron passaram a utilizar o termo no mesmo sentido (PAVARINA, 2003).

O termo capital social teve uma ampla abrangência na explicação de Mancur Olson entre 1965 e 1982, quando o autor discorre sobre causas e consequências da interação social entre indivíduos e as ações coletivas. O autor inclui o ambiente institucional, social e político como condicionante das ações dos agentes econômicos e considera organizações, tanto as formais como governo e sistema legal como as informais consideradas organizações com relações de parentesco e amizade. Sem utilizar o termo “capital social” o denomina de grupos inclusivos (*inclusive groups*), organizações voluntárias entre indivíduos cujo movimento está fora das trocas econômicas, não se relacionam diretamente tornando-se não-econômico, representaria interesse coletivo comum a todos. A satisfação individual só teria sentido após a satisfação de todo o grupo.

Os grupos inclusivos derivam de comportamentos conforme a “natureza do objetivo que o grupo procura, não de nenhuma das características dos membros” (OLSON, 1965, p. 39). Para o autor, os benefícios não seriam apenas sociais, também econômicos: “se os membros de um grupo pequeno que tivesse interesse num benefício público fossem também amigos pessoais, ou pertencessem também ao mesmo clube social, e alguns membros do grupo deixassem todo o ônus decorrente da provisão deste bem público para os demais, eles poderiam, mesmo que ganhando economicamente com tal conduta, perder socialmente com ela, e a perda social poderia ser preponderante ao ganho econômico” (OLSON, 1965, p. 60).

Ideias desenvolvidas por James Coleman tem outra perspectiva quando para ele, “capital social” numa concepção moderna, “seria não uma única entidade, mas uma variedade de diferentes entidades com dois elementos em comum: elas todas consistem em algum aspecto da estrutura social, e elas facilitam certas ações dos atores – pessoas ou atores corporativos – dentro da estrutura” (COLEMAN, 1988, p. 98). Além disto, o autor centraliza seus estudos nas relações humanas, as relações interpessoais (relações horizontais e verticais), restringindo as ideias de Olson (1965), ao mesmo tempo evidenciando o capital social como decorrente do relacionamento entre diferentes firmas ou diferentes governos, entre agentes corporativos ou institucionais e os indivíduos (COLEMAN, 1988).

Numa visão mais restrita, Grootaert (1998) associa capital social ao preconizado por Putnam, (1993, p. 45), que envolve as “características da organização social, tais como confiança, normas e redes, que podem melhorar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”. Já que Fox (1996) alerta para a diminuição do capital social em regiões que acontecem constantes conflitos sociais de confiança rompendo de sobremaneira com o nível institucional dos indivíduos. Nesse sentido Evans (1996, p. 1120) menciona que “países da América Latina devido a anos de regime totalitário produziram desconfianças conduzindo os indivíduos à atomização, não deixando espaço para a auto-organização social”.

Por fim os autores mencionados compartilham a ideia da obra de Adam Smith (2001) quando citado por Fukuyama (1996, p. 33) na “Teoria dos sentimentos morais” quando se aplica que “a vida social não pode ser dissociada da econômica, pois, qualquer evento econômico pressupõe a interação social entre os agentes”.

Para alguns autores a teoria neoclássica pouco se adaptou com as interações sociais e suas consequências econômicas entre os agentes como Woolcock (1998). Segundo Coleman (1990) considerava uma aparente “ficção”, viu após alguns estudos que existe a necessidade de uma “sociedade composta por um conjunto de indivíduos independentes, cada qual agindo para obter metas que são interdependentemente formuladas e que o funcionamento do sistema social consiste na combinação destas ações de indivíduos independentes”.

Para autores como Binger, (1998) a racionalidade neoclássica não é ferida pelo capital social, são complementares, não significando que os agentes econômicos sejam “sórdidos, gananciosos, cansativos, calculistas ou mecânicos”.

Muito embora a teoria neoclássica promova argumentos que expliquem a interação social entre os agentes econômicos, baseando-se numa lógica maximizadora do bem-estar, outros fatores não econômicos podem determinar ou condicionar o capital social existente numa região. Torna-se importante ressaltar que a compreensão dos mecanismos de funcionamento da economia de mercado tem de um lado um “*insight*” sobre o modo como funciona o mundo real. (PAVARINA apud SEN, 2000, p. 298).

A responsabilidade social resultante da ética no bom comportamento nos contratos existentes nos mercados globais apresenta regras implícitas entre as transações econômicas, podem: “passar despercebida em situações nas quais tal confiança não é problemática” (SEN, 2000, p. 299). Nesse caso a simplificação poderá ocultar algumas suposições implícitas que produzem as relações regulares nas quais o modelo se fundamenta (SEN, 2000, p. 300).

O funcionamento de mercados bem-sucedidos deve-se não só ao fato de as trocas serem “permitidas”, mas também, ao sólido alicerce das instituições (como por exemplo, estruturas legais eficazes que defendem os direitos resultantes de contratos) e da ética de comportamento (que viabiliza os contratos negociados sem a necessidade de litígios constantes para obter o cumprimento do que foi contratado) (SEN, 2000, p. 301).

Diante desse quadro o Sen (2000, p. 302), reage da seguinte forma: “o desenvolvimento e o uso da confiança na palavra e na promessa das partes envolvidas podem ser um ingrediente importantíssimo para o êxito de um mercado”. Nesse contexto, para o autor, o alicerce institucional, além de ser influenciado, se condiciona a aspectos culturais e pelo regime político, pela credibilidade na comunidade e no governo, havendo menor ou maior desenvolvimento de capital social entre os indivíduos.

Nos ex-países socialistas da Europa o capital social e o associativismo seguindo normas regimentares: “usavam uma mistura de incentivos e sanções para encorajar as pessoas a unirem-se em organizações partidárias e a valerem-se da expressão ‘sentimento anti-partidário’ relacionado às redes privadas de amigos e famílias”. O Estado soviético não considerava como sociedade “legal”. Com esse ímpeto, elas não poderiam ser consideradas sociedades “fracas”. As “densas” redes de associações entre familiares e amigos eram consideradas a alternativa às instituições estatais (ROSE, et al., 1997). Já para Fukuyama (1996) a destruição do “capital social familiar” ocorrido na China, quando o comunista chinês fazia esforços para que a própria sociedade delatasse algumas famílias de comportamentos vistos como não adequados pelo Partido Comunista.

Conforme já mencionados por Garrigues e Uría (1953, p. 211): “*La cifra del capital constituye e La base de la estructura jurídica de la sociedad*”. Em todo caso falar de capital social não é uma tarefa fácil pelo fato de ser uma expressão ambígua.

Capital é derivado do latim *capitalis* (de *caput*, cabeça) – originalmente um adjetivo que significa principal, proeminente ou primeiro de uma série. O emprego do adjetivo em várias formas elípticas levou a seu uso como substantivo, para representar bens cujas características ou funções justificavam a qualificação de principais. A utilização da mesma palavra para significar conceitos abstraídos desses bens, os direitos de que são objeto, ou seu valor financeiro, aumentou-lhe a ambiguidade. (PEDREIRA, 1989, p. 67).

Conforme Garcia, (2009, p. 25) quatro diferentes acepções que o termo capital social assume e que podem auxiliar sua compreensão, a saber: (i) como cifra formal e abstrata; (ii) como soma das entradas dos acionistas, em seu aspecto formal; (iii) como cifra contabilística; (iv) como capital nominal e real:

Por um lado, na sua vertente formal, o capital social é o elemento do pacto [...], que se consubstancia numa cifra tendencialmente estável – representativa da soma dos valores nominais das participações sociais em entrada de bens – necessariamente expressa em euros [...], e que – inscrita no lado direito do balanço – determina o valor em que o ativo deve superar o passivo. Por outro lado, agora na acepção real, é constituído por uma massa de bens – não determinada qualitativamente – que é uma fração ideal do património líquido e se destina a cobrir o valor do capital social nominal, estando os sócios obrigados a conservar intacta tal quantidade de bens que apenas poderá ser afetada pelos azares e vicissitudes da atividade empresarial. (GARCIA, 2009, p. 54).

Em uma visão mais otimista, o capital social está atrelado ao desenvolvimento econômico de algumas nações que aceitam princípios e regras de boa convivência. Para Kliksberg (1999, p. 50) do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), capital social e capital humano são responsáveis pela “maior porcentagem do desenvolvimento econômico nas nações em finais do século XX e indicam que aí se encontram as chaves decisivas do progresso tecnológico, da competitividade, do crescimento sustentável, do bom governo e da estabilidade democrática”.

No conceito de Hanifan (1920 apud SMITH, 2001, p. 43), capital social refere-se:

às coisas intangíveis [que] são importantes para o cotidiano das pessoas: boa vontade, amizade, solidariedade, interação social entre os indivíduos e as famílias que compõem uma unidade social... Uma pessoa apenas existe socialmente, se deixada a si próprio... mas se ela entrar em contato com o seu vizinho, e estes com outros vizinhos, haverá uma acumulação de capital social, que pode imediatamente satisfazer suas necessidades sociais e que podem ostentar uma potencialidade social suficiente para a melhoria substancial da comunidade, para as condições de vida de toda a comunidade. A comunidade como um todo se beneficiará pela cooperação de todas as suas partes, enquanto que o indivíduo vai encontrar nas suas associações as

vantagens da ajuda, da solidariedade bem como seu vizinho no clube.

O capital social não se exaure com o uso, pelo contrário, quanto mais usado mais se expande: “os estoques de capital social, tais como confiança, normas e redes, tendem a ser retroalimentados e cumulativos” (PUTNAM, 1993, p. 177).

Diante do contexto abordado, entende-se como capital social, redes de relacionamento como: cooperação, inovação e confiança dentro e fora das organizações de suma importância para o cotidiano das pessoas, onde o indivíduo desenvolve relações que facilitam o acesso à informação e ao conhecimento, determinadas por laços próprios do organograma envolvendo colaboradores e *stakeholders*.

2.6 Definição de capital humano

Conceituando capital humano, Dasgupta (1990) defende que, na análise tradicional de posse de bens físicos, o desenvolvimento não deve se limitar apenas a essa teoria. Fator como a garantia de liberdade individual deve ser levado em consideração nessa soma, já que a teoria econômica dispensa pouco interesse nessas questões, tanto por desprezo como por questões metodológicas.

A importância da capacitação repercutiu após a década de 1960 com os trabalhos de Theodore W. Schultz e Gary Becker onde os autores defendem que essa teoria substituiria a simples quantidade de trabalho como fator de produtividade. Dessa forma, o conceito de capital humano fundamentou-se no pensamento econômico como benefícios efetivos e potenciais para o crescimento, tornando indispensável à capacitação humana, por dois vieses a ampliação do nível educacional e as condições da saúde da população.

Como não é só a produtividade que está em jogo, mas novas perspectivas trazidas por teorias como responsabilidade social, capital natural e social é que autores como Becker (1962) e Schultz (1961), ressaltam fatores geradores de crescimento econômico regional estariam ancorado à soma tanto do capital natural, como do físico e financeiro e ao capital humano.

É assim que em debates econômicos Arrow (1962), defende a importância da qualificação, educação e treinamento formal e informal (*learning-by-doing ou learning-by-watching*), quanto ao aprendizado no tempo de trabalho. A produtividade humana não seria

resultante apenas da capacitação inicial do trabalhador e sim da sua especialização (experiência).

O modelo de Romer (1986) considera o capital humano como gerador de progresso técnico e tecnológico, no desenvolvimento de setores de pesquisas. Podendo ser importante na geração de novos processos produtivos e produtos, balizares para o crescimento de uma nação. Uma nova ideia surgida em países detentores do conhecimento técnico e tecnológico seria, para o autor, mais rápida e fácil à absorção do aprendizado noutro país que tenha incentivos na prática do “capital humano”.

O crescimento econômico antes considerado apenas como força de trabalho está atrelado ao capital humano, por meio de competência, conhecimento, capacidade e atributos de personalidade de um trabalhador por meio da experiência, educação e perícia. Sendo assim, Stern (1991) sistematizou em três os principais componentes para o crescimento econômico, são eles: (i) acumulação de capital (físico e financeiro); (ii) capital humano (capacitação formal e informal); e (iii) pesquisa, desenvolvimento e inovação.

Diante do exposto, Smith (2001, p. 23) considerado o pai da economia moderna e teórico de suma importância do tema liberalismo econômico, definiu capital humano da seguinte forma:

Em quarto lugar, as habilidades adquiridas e úteis de todos os habitantes ou membros da sociedade. A aquisição de tais talentos, por meio da manutenção do adquirente durante a sua educação, estudo ou aprendizagem, sempre custa uma despesa real, que é capital fixo e realizado, por assim dizer, em sua pessoa. Esses talentos fazem parte de sua fortuna, tal como também da sociedade à qual ele pertence. A destreza melhorada de um trabalhador pode ser considerada a mesma que uma máquina ou um instrumento de comércio, que facilita o trabalho, e que, embora os custos, que reembolsa as despesas com um lucro.

A associação do crescimento do produto nacional *per capita* está relacionada com a dotação inicial do capital humano e de investimentos e correlaciona negativamente o crescimento com a instabilidade política ou a distorção de preços (BARRO, 1991).

Sendo assim ao se falar em crescimento econômico, atributos como: habilidades pessoais e capacitação, temos em um primeiro plano a relação do capital humano com a força de trabalho especializada, o estudo e a aprendizagem organizacional, fazendo diferença nas relações trabalhistas, ao acúmulo de capital além de incentivos a pesquisa e desenvolvimento.

2.7 Ética nas organizações socialmente responsáveis

De acordo com o dicionário *The American Heritage Dictionary* (2000, p. 2743), a ética é definida como: “o estudo da natureza geral da moral e de opções morais específicas; filosofia moral; e regras ou padrões que prescrevem a conduta de membros de uma profissão liberal”. O conceito de ética no dicionário da língua portuguesa por seu lado diz que: São estudos dos juízos de apreciação referentes à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente a determinada sociedade, seja de modo absoluto (FERREIRA, 1999, p. 32).

Segundo conceitos filosóficos, a ética estuda a moralidade dos atos humanos. Organizações que adotam a responsabilidade social nas suas ações deverão em primeiro plano adotar a criação de normas e condutas em comum acordo com seus colaboradores gerando sobremaneira uma política de ética social. Após isso, a organização poderá obter conceitos diferenciais na busca da vantagem competitiva (KARKOTLI, 2004).

A RSE dentro da realidade brasileira é definida como vantagem competitiva, onde princípios éticos norteiam ações nas empresas, interna e externamente. Nesse caso a relevância fica exposta a padrões de comercialização livres e bem aceita no mercado nacional e servindo de parâmetros para as negociações internacionais oriunda das boas práticas apresentadas na sociedade como empresa responsável, valorizando os *stakeholders e stakeholders*.

Um modelo de comportamento ético e responsável na gestão das mesmas, que, em suas decisões e ações, resgatam valores e direitos humanos universais, preservando e respeitando interesses de todas as partes direta ou indiretamente envolvidas no negócio, assim como os de toda a sociedade, em uma relação na qual todos obtêm vantagem. (REIS, 2007, p. 301).

Diante da situação exposta de empresas que detém de conhecimento e habilidade no mercado quanto aos capitais social e humano, envolvendo a ética nas suas decisões padronizando suas ações, Karkotli (2004, p. 26) comenta:

Diz respeito a regras, padrões e princípios morais sobre o que é certo ou errado em situações específicas das relações que ocorrem no ambiente empresarial”. Resume que a ética empresarial principia os padrões comportamentais no mundo dos negócios. Corresponde também ao conjunto de condutas e regras aceitas pelos *stakeholders* em parceria com as organizações tidas como cidadãs.

A discussão sobre a temática ética nas organizações teve seu início na década de 60 principalmente em países de origem alemã. Foi também nesse período que as faculdades de administração e negócios iniciaram o estudo sobre ética no campo dos negócios, nas universidades americanas tendo apoio da disciplina de filosofia (KARKOTLI, 2004).

Na década de 80 tanto na Europa quanto nos EUA, por meio de esforços de professores universitários, programas de *Master of Business Administration* (MBA) e faculdades de administração, iniciaram com diversas publicações à respeito da ética corporativa. (KARKOTLI, 2004).

No quadro 4, são apresentados de maneira sucinta os principais indicadores de responsabilidade social, utilizados pelas empresas, dentre eles: Balanço Social que dispõe de ações e benefícios sociais dirigidos aos colaboradores e *stakeholders*. A Norma SA 8000 regulando a cadeia produtiva baseada nas ISOs 9000 e 14000. O processo AA 1000 cujo objetivo é dar suporte aos *stakeholders* que estarão mensurando metas e gestão da responsabilidade social e da comunicação empresarial. O *Global Compact* que visa promover os direitos humanos, do trabalho e do meio ambiente por meio de carta de adesão à um grupo internacional e por fim os Indicadores Ethos de Responsabilidade que avalia práticas de responsabilidade social pelas empresas avaliadas por meio de um questionário diante de um grupo de *benchmark*.

Quadro 4 – Principais indicadores de responsabilidade social

Indicadores	Enfoque
Balanço social	Demonstra publicamente um conjunto de informações sobre projetos, benefícios e ações sociais dirigidos aos empregados, investidores, acionistas e à comunidade, dando transparência às atividades que buscam melhorar a qualidade de vida para todos. Esse instrumento evidencia a responsabilidade social em valores monetários direcionados às ações sociais, ou seja, apresenta os montantes investidos.
SA 8000	Norma composta por nove requisitos, tendo como referência os padrões de gerenciamento da qualidade ISO 9000 e o padrão de gerenciamento ISO 14000. A norma SA 8000 segue a estrutura que enfatiza a importância da melhoria contínua por meio de auditoria por órgão independente. Focaliza principalmente a busca de fornecedores éticos aumentando a cadeia produtiva socialmente responsável.
AA 1000	Processo direcionado a dar suporte às organizações no gerenciamento e na comunicação da responsabilidade social. Focaliza as opiniões e necessidades dos <i>stakeholders</i> que devem integrar o processo, orienta o estabelecimento de metas organizacionais que respeitam os interesses de cada parte e sugere indicadores de performance para avaliação dessas metas.
Global Compact	Preconiza o comprometimento da empresa por meio de uma carta de adesão ao grupo de cooperação internacional, visando a promoção dos direitos humanos, trabalho e meio ambiente, por meio da troca de experiências socialmente responsáveis
Indicadores Ethos de Responsabilidade Social	Ferramenta de diagnóstico organizacional que avalia o estágio em que se encontram as práticas de responsabilidade social nas empresas, facilitando a visualização das ações mais urgentes que devem ser trabalhadas, bem como o posicionamento da organização perante um grupo de benchmark. [Os Indicadores Ethos de Responsabilidade Social, estão baseados em um questionário que aborda sete temas, a saber: Valores e Transparência, Público Interno, Meio Ambiente, Fornecedores, Consumidores, Comunidade e Governo e Sociedade (Orchis, Yung e Morales, 2002).]

Fonte: Adaptado pelo autor de Karkotli (2004).

Na época de 80 e 90 formaram-se algumas redes acadêmicas que discutiam a ética na prática empresarial: (a *Society for Business Ethics* nos EUA e a *European Business Ethics Network* na Europa, foi aí que publicaram as seguintes revistas especializadas em ética corporativa: *Business Ethics Quarterly*, *Business Ethics* e *European Review*. Enciclopédias como *Encyclopedic Dictionary of Business Ethics* nos EUA e a *Lexicon der Wirtschaftsethik* na Alemanha. Criou-se a partir daí a *International Society for Business Economics and Ethics* (ISBEE) (KARKOTLI, 2004).

No entanto no Brasil em 1941, essa atividade teve início na Escola Superior de Administração e Negócios (ESAN), em São Paulo, tendo em sua matriz curricular a disciplina de ética no curso de graduação. Em 1992 o Ministério da Educação (MEC) formalizou que tanto nos cursos de graduação quanto na pós-graduação fossem incluída a disciplina de ética empresarial na grade acadêmica. Nesse período também foi criado o Centro de Estudos de Ética nos Negócios (CENE) pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Tudo isso foi assunto discutido e formalizado no II Congresso Mundial da ISBEE foi realizado no Brasil no ano 2000 nas instalações do CENE/FGV.

Atividades geradoras de impactos ao meio ambiente, desenvolvidas na sociedade, estão sendo controladas e monitoradas, sob a vigilância ostensiva de administradores. Empresas tendem a seguir essa preocupação em decorrência da procura por consumidores, de organizações de comportamento ético e responsável com a sociedade (KARKOTLI, 2004). Sendo assim o autor orienta que o capitalismo deve buscar novas formas e regras que adotem padrões de consumo e produção mais limpa, pautados na ética, códigos de conduta, políticas adequadas e transparentes e na responsabilidade social melhorando o relacionamento com os *stakeholders* sob a nobreza de atitudes e valores éticos.

Archie Carroll (1979), uma das autoridades no estudo da RSE, propôs em 1991, um modelo piramidal para o tema RSE, conforme a figura 1, separada em quatro blocos: Responsabilidades Econômicas, Responsabilidade Legal, Responsabilidade Ética e Responsabilidade Filantrópica, também conhecida como Responsabilidade Discricionária. Para o autor a base de tudo quando as organizações pensam em adotar algum programa de RSE é a Responsabilidade Econômica, o ser lucrativo, ou seja, o projeto de RSE deve antes de tudo gerar retorno financeiro à organização.

Figura 1 – Pirâmide responsabilidade social corporativa



Fonte: <https://asalome.wordpress.com/2013/05/31/piramide-de-carroll/>

Para o criador da pirâmide Carroll (1979), a base é representada pelas “responsabilidades econômicas” cujo tema vai além da palavra “lucro”, contudo para ele tem mais sentido como 'proveitoso', ou seja, procurar sempre ser rentável. Em seguida seguem as

“responsabilidades legais” com o propósito de seguir as leis vigentes na sociedade. O Direito e o dever entre a civilização e o que ele considera “estado selvagem”. Para o autor, toda ação será regida pelo que é certo e por base na ética quanto às responsabilidades éticas. No topo da pirâmide encontram-se as “responsabilidades filantrópicas”, visando em primeiro lugar à cidadania e o bem estar comunitário, bem como a contribuição com recursos.

Discriminadas as respectivas responsabilidades, Carroll (1979) acredita que uma ferramenta de análise dessas responsabilidades seria uma forma da organização medir suas perspectivas junto aos *stakeholders*. Para efeito de interpretar a reflexão feita pelo autor quanto a pirâmide e suas responsabilidades e obrigações de identificar e discriminar o papel de todos os públicos ligados à organização (*stakeholders*).

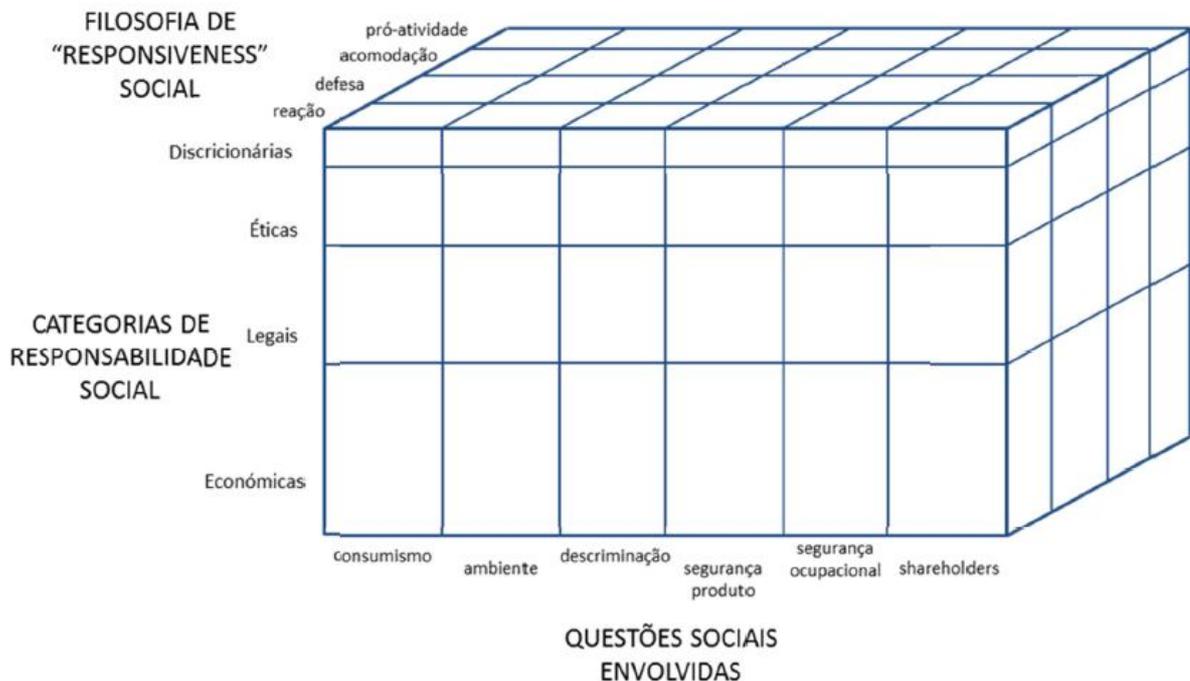
Fundamentando o exposto, segue o pensamento de Carroll (1979, p. 604) que afirma a RSC envolve a condução de um negócio de modo que seja economicamente rentável cumpridor da lei, solidário ética e socialmente. Carroll (1979, p. 605) complementa definindo o que entende pela expressão “socialmente responsável” como o negócio que apóia a sociedade em que está inserida com contribuições e, dinheiro, tempo e talento.

O Modelo Conceitual Tridimensional considerado modelo de *performance* social das empresas descrito por Carroll (1979, p. 608), tem duas finalidades como são descritas abaixo:

1. para os acadêmicos, fica mais relevante a definição de responsabilidade social;
2. para os gestores, o desempenho econômico não se separa da responsabilidade social, pois ele é apenas uma parte distinta.

As duas finalidades de *performance* estudadas por Carroll (1979) são apresentadas em forma de cubo conforme (FIGURA 2):

Figura 2 – Modelo conceitual tridimensional proposto por Carroll (1979)



Fonte: Carroll (1979, p. 503).

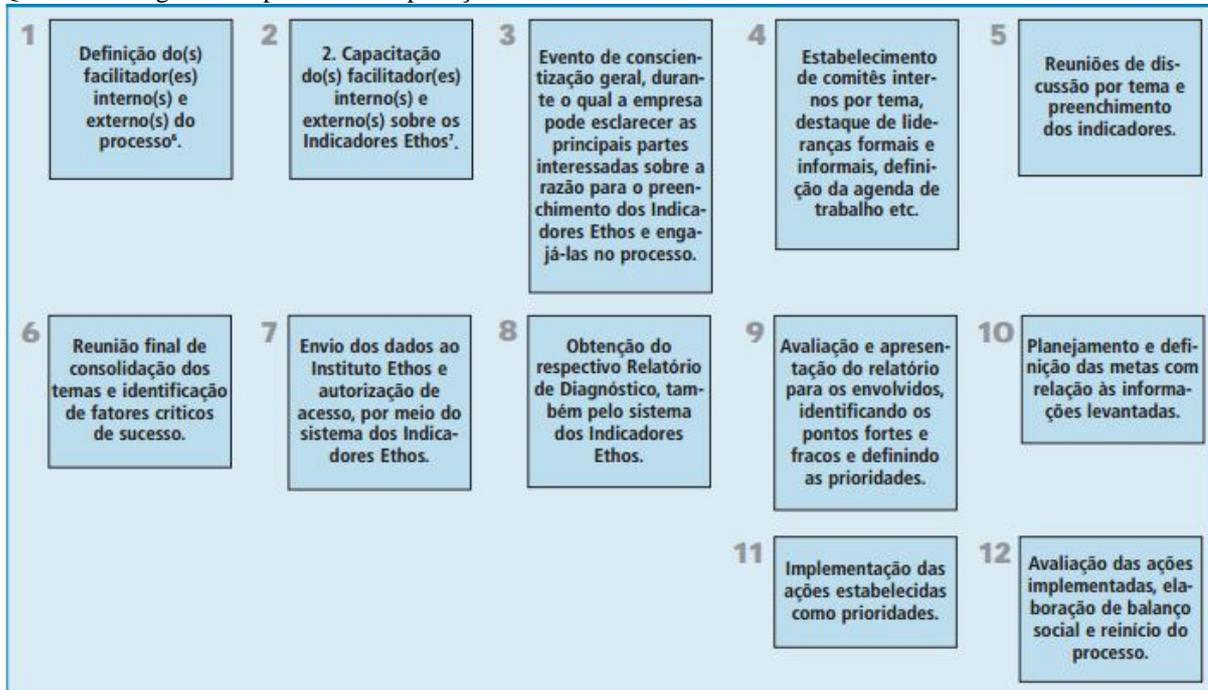
De acordo com o modelo de Sistemas de Responsabilidade Social Organizacional, Responsabilidade e Respostas, Strand (1983), focaliza a evolução do desempenho social corporativo que tem como base três desafios: responsabilidade social, responsabilidade econômica e responsabilidade pública. Nesse segmento o autor ao explorar as dimensões do modelo tridimensional de Carroll (1979) (FIGURA 2), e reconhece que o mesmo oferece sustentação e podendo integrar processos, princípios e a política do desempenho social corporativo, concentrando-se interface da empresa com seu ambiente em nível interno e externo a fim de conhecer as condições para mudanças (FREIRE, et al, 2008).

2.8 Instituto ETHOS

Empresas que buscam possibilidades de competir no mercado por meio de estratégias de negócio que visam a RSE, utilizam de ferramentas de gestão que apresentem à sociedade sustentabilidade e responsabilidade social, utilizam questionários que possibilita um autodiagnostico de sua gestão num sistema *online* que lhes possibilita medir indicadores de modo categórico em prol de alcançar metas conforme resultados dos relatórios para o avanço da gestão na temática da RSE/Sustentabilidade.

Considerando a RSC de acordo com Indicadores Ethos têm as seguintes abordagens, quanto ao processo que aborda a aplicabilidade dos indicadores ETHOS como pode ser visto no quadro 5:

Quadro 5 – Sugestão de processo de aplicação dos indicadores ETHOS de RSE



Fonte: Indicadores ETHOS de SER (2007, p. 9).

Sendo assim considera-se a Responsabilidade Social Corporativa em conformidade com os Indicadores Ethos as seguintes abordagens:

- a) “Como um conjunto de valores”;
- b) “Como atitude e comportamento empresarial ético e responsável”;
- c) “Como exercício da capacitação profissional”;
- d) “Como estratégia de integração social”;
- e) “Como exercício da consciência ecológica”;
- f) “Como promotora da cidadania individual e coletiva”;
- g) “Como estratégia social de inserção na comunidade”;
- h) “Como estratégia de valorização dos produtos/serviços”;
- i) “Como estratégia de recursos humanos”
- j) “Como estratégia de valorização das ações da empresa (agregação de valor)”;
- k) “Com estratégia de marketing institucional”;
- l) “Como estratégia de relacionamento”;

m) “Como postura estratégica empresarial.”

Atualmente os Indicadores Ethos, apresentam por meio de aprimoramentos uma nova abordagem para a gestão de empresas e procura integrar os princípios e comportamentos da RSE com os objetivos para a sustentabilidade interagindo com relatórios de sustentabilidade *Global Reporting Initiative (GRI)*, com a Norma de Responsabilidade Social ABNT NBR ISO 26000, e outras iniciativas que tem como foco empresas que incorporaram a responsabilidade social e a sustentabilidade.

Quadro 6 – Principais autores e teorias nas correntes de pensamento RSE década 1950 e 2000.

Décadas	Principais autores	Tema dominante
1950 e 1960	Bowen (1953).	Ética e obrigações sociais das empresas
	Levitt (1958).	Desenvolvimento financeiro
	Friedman (1962).	Rentabilização económica para os acionistas
1970	Baumol (1970); Wallich & McGowan (1970); Ackerman (1973); Davis (1973); Moyer (1974); Preston (1975); Fitch (1976); Murray (1976); Elkins (1977); Keim (1978).	Reconciliação entre os interesses económicos e sociais das empresas
1980	Carroll (1979); Burt (1983); Freeman (1984); Wartick & Cochran (1985); Ullmann (1985); Miles (1987).	Modelo de Performance Social das Empresas
1990/ 2000	Wood (1991a); Drucker (1993); Clarkson (1995); Donaldson & Preston (1995); Jones (1995); Hart (1997); Rowley (1997); Berman et al. (1999); Jones & Wick (1999) Kanter (1999); Porter & Kramer (2002); Kotler & Lee (2005); Porter & Kramer (2006).	Teoria dos <i>stakeholders</i> e gestão estratégica
2000	Richardson <i>et al.</i> (1999); Gray (2000); Margolis & Walsh (2001); Muirhead <i>et al.</i> (2002); Margolis & Walsh (2003); Paine (2003); Rochlin <i>et al.</i> (2004); Vogel (2005); Schuler & Cording (2006); McWilliams <i>et al.</i> (2006); Barnett (2007).	Maior entrosamento entre responsabilidade social da empresa e performance financeira da empresa

Fonte: Pompeu (2011, p. 14).

O quadro acima, segundo Pompeu R. M. (2011), reflete teorias nas correntes de pensamentos da Responsabilidade Social Empresarial-RSE na década 1950 e 2000.

De acordo com Karkotli (2004) para que as chances de sobrevivência empresarial aumentem, as organizações devem dar ênfase às preocupações éticas, pois, é a cobrança da

sociedade pelo bem estar social e as questões ambientais, que ditam essas regras em empresas consideradas menos predatórias e que primam pela sustentabilidade dos recursos naturais e o bem estar das gerações futuras.

As organizações que internalizam a responsabilidade social em suas estratégias – do planejamento à ação – e passam a ter uma gestão socialmente responsável, estabelecem padrões éticos no relacionamento para com seus diferentes públicos, os *stakeholders*, criando valor para a sociedade (KARKOTLI, 2004). O autor também define que alguns empresários interpretam erroneamente o termo “ética e responsabilidade social”, acreditando que ditar algumas regras como utilizar sua imagem perante a sociedade por meio de ações equivocadas como doar recursos, materiais, financeiros e humanos para causas sociais, é um ato de responsabilidade social, no entanto ética empresarial forma um conjunto de valores e princípios internalizados nas organizações e não um produto, um bem ou um serviço produzido à venda em algum lugar. Para ele ter padrões éticos significa manter bons resultados, relações duradoras e no respeito mútuo.

Nesse contexto verifica-se o avanço da administração moderna quando ela assume papel importante na sociedade seguindo regras socialmente responsáveis. Diante disso Drucker (1999, p. 17) menciona: “não se trata de imputar uma hostilidade às empresas, quanto a se exigir delas condutas sociais responsáveis, mas de reconhecer o sucesso e a liderança do empreendimento empresarial dentro do tecido social”, não sendo, por isso mesmo, difícil à constatação de que os antigos grupos de liderança desapareceram – a aristocracia e o clero – e que empresários e administradores assumiram este posto.

Quadro 7 – Evolução histórica de responsabilidade social

Ano (s) / local	Responsável	Observações
1899 – Estados Unidos	Carnegie, fundador do Conglomerado U.S. Steel Corporation	Estabelecia dois princípios às grandes empresas. O primeiro princípio era o da caridade, exigia que os membros mais afortunados da sociedade ajudassem os grupos de excluídos e o segundo era o da custódia, em que as empresas deveriam cuidar e multiplicar a riqueza da sociedade.
1919 – Estados Unidos	Henry Ford	Contraria um grupo de acionistas ao reverter parte dos lucros na capacidade produtiva, aumento de salários e constituição de fundo de reserva. A justiça americana posicionou-se contrária à atitude de Ford, alegando que os lucros deveriam favorecer aos acionistas.
1929 – Alemanha	Constituição da República de Weimar	Passa a ser aceitável que as empresas, como pessoas jurídicas, assumam uma função social basicamente em ações de caráter filantrópico.
1953 – Estados Unidos	Justiça Americana	Julga um caso semelhante ao de Ford, mas neste caso a decisão foi favorável à doação de recursos para a Universidade de Princeton, contrariando interesses de um grupo de acionistas e estabelecendo uma brecha para o exercício da filantropia corporativa.
Década de 60 – Estados Unidos	Conflito Vietnã	A sociedade se manifesta contra a produção e uso de armamentos bélicos, principalmente armas químicas. As organizações não podiam mais vender o que desejassem.
Década de 70 – Estados Unidos	Nosso contexto econômico	Os aumentos nos custos de energia e a necessidade de maiores investimentos para reduzir poluição e proteção de consumidores fazem as empresas buscarem ações para maximizar os lucros, deixando de lado as responsabilidades sociais.

Fonte: Elaborado pelo a partir de Karkotli (2001).

Já o quadro 8 apresenta bases conceituais da responsabilidade social e sua evolução para um bom entendimento descrevendo melhor as ideias surgidas sobre o assunto até este ponto.

Quadro 8 – Síntese conceitual de responsabilidade social

Autores	Conceituação
Bowen (1943)	Obrigação do empresário de adotar políticas, tomar decisões e acompanhar linhas de ações desejáveis, segundo os objetivos e valores da sociedade.
Petit (1976)	Ética do lucro dando lugar à ética da responsabilidade social: demandas sociais que não podem ser satisfeitas pelas técnicas tradicionais de gerência empresarial, ou seja, com funções especificamente econômicas.
Friedman (1970)	Responsabilidade social é um comportamento antimaximização de lucros, assumido para beneficiar outros que não os acionistas da empresa. Portanto, existe somente uma responsabilidade da empresa: utilizar seus recursos e organizar suas atividades com o objetivo de aumentar seus lucros, seguindo as regras do jogo de mercado.
Kugel (1973)	Desenvolvimento do conceito de responsabilidade social: acompanhou a própria evolução dos programas sociais estabelecidos pelas empresas americanas. Os executivos passaram a aceitar a necessidade de realizar certas ações e procurarem fazer com que fossem componentes regulares das operações das empresas.
Zenisek (1979)	Responsabilidade social como uma preocupação das empresas com as expectativas do público. Seria, então, a utilização de recursos humanos, físicos e econômicos para fins sociais mais amplos, e não simplesmente para satisfazer interesses de pessoas ou organizações em particular.

Fonte: Hatz (2001, p. 39).

Assim, mediante as discussões efetuadas nesta seção, foram abordados os conceitos de responsabilidade social e sua evolução, fundamentação e a importância nas políticas e estratégias das organizações modernas, especialmente para as instituições de ensino. A relevância deles ficou evidenciada, bem como demonstrada que investimentos em atividades de responsabilidade social estão em linha com recomendações da teoria administrativa para as organizações.

Autores como Karkotly, Melo e Froes (2001) e Martins (2008), de maneira similar corroboram que o caráter estratégico que a Responsabilidade Social tem nas modernas organizações. Já não se pode atuar seguindo os ditames da Administração clássica que via basicamente o lucro financeiro como o paradigma para medir o desempenho das empresas, nesse sentido os autores acima insistem na necessidade que as organizações modernas têm de se adaptar a economia globalizada defendendo políticas que incluam ações de responsabilidade social como estratégias de convivência com os novos tempos, ou mesmo como novo foco da atuação empresarial.

A Responsabilidade Social nas últimas décadas tem influenciado os contextos, econômico, social e político de sobremaneira o comportamento das empresas. Nesse caso essas empresas levam vantagem competitiva na obtenção de benefícios financeiros como: a otimização de recursos ambientais tais como a diminuição do desperdício de energia e água (PUPPIM-DE-OLIVEIRA, 2008). Para o autor existe uma série de requisitos básicos necessários que devem ser observados para que uma empresa possa ser considerada socialmente responsável aproximando-a ao termo de responsabilidade social.

Nesta seção, enfatizou-se o papel da administração moderna em consonância com a responsabilidade social, conceitos, evolução histórica, os públicos ligados às organizações, nesse caso os *stakeholders* que tem papel importante na conceituação de atividades inerentes nas modernas organizações. Apresentou-se também indicadores como: os Indicadores Ethos de Responsabilidade Social, dentre outros e sua importância no contexto social das organizações modernas.

A próxima seção irá abordar a natureza do projeto Escola de Esportes com referência a estratégia da UNIFOR para atingir os docentes, os discentes e a comunidade, os quais são os objetivos específicos deste estudo.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA (UNIFOR)

Esta seção apresenta um exame macro das atividades da UNIFOR visando analisar sua cultura organizacional voltada para ações de responsabilidade social a partir de seu nascedouro. O propósito é começar com esta análise global neste capítulo fazendo uma análise da cultura organizacional, com referências para diversas atividades e projetos de responsabilidade social para no próximo dedicar-se especialmente ao projeto Escola de Esportes.

Em um momento em que o desenvolvimento econômico e político cria barreiras ideológicas e sociais desestimulando empreendimentos educacionais que tem como missão formar cidadãos para o presente e futuro, IES se mobilizam a apresentar a sociedade em geral, seu papel na promoção do saber e da profissionalização, se destacam com mais uma alternativa para diminuir esse caos tanto em projetos educacionais como em capacitação profissional e responsabilidade social nas ações antes tidas como prioritárias do estado. (COSTA, 2010).

De acordo com Pompeu e Carvallho (2012, p. 5) as universidades têm as seguintes atribuições:

- a) investirem no capital humano, com a oferta de cursos gratuitos de capacitação profissional, baseados na demanda e características da região;
- b) promoverem a melhoria da qualidade de vida das pessoas que vivem nas regiões circunvizinhas às instituições;
- c) incentivarem a criação de empresas e de novos negócios, na promoção da inovação e do empreendedorismo;
- d) formarem profissionais de excelência, comprometidos e conscientes com os problemas sociais;
- e) promoverem a autoestima e a credibilidade entre as pessoas da mesma comunidade, isto é, investem no capital social;
- f) tornar-se agentes transformadores e instrumentos de desenvolvimento local sustentável.

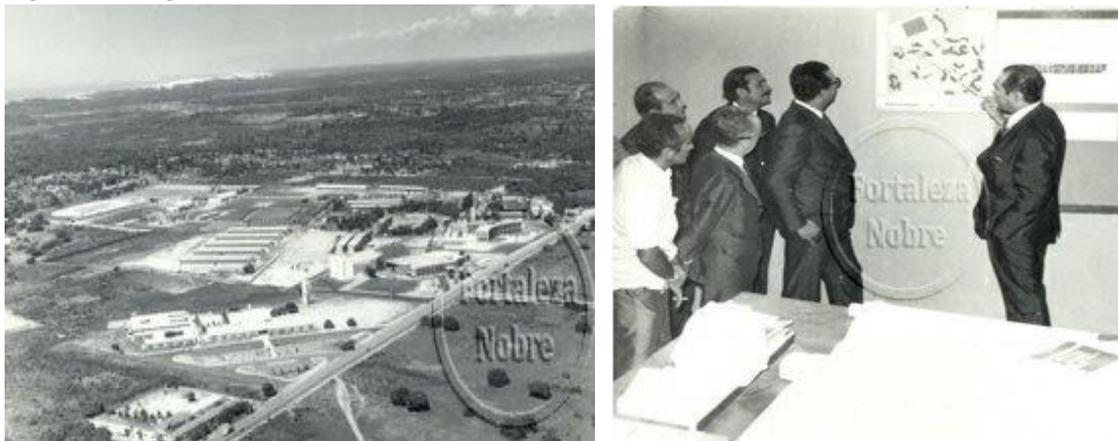
O pensamento acima reflete a visão de Schein (2009) um clássico da literatura organizacional “*Organizational Culture and Leadership*” quando ele visualiza a organização pela sua cultura sendo a mesma gerenciada por líder ciente do planejamento e da formação de processos sociais, com o propósito de inspirar e manipular manifestações e entendimentos culturais para incentivarem dentro de uma construção coletiva de crenças e valores, a inspiração de liderados. O autor enfatiza o respeito às tradições analisando a visão macro das organizações.

De fato, os primeiros estudos revelam que na formalização da instituição em estudo, em discurso proferido pelo industrial Edson Queiroz, em 1973, no ato solene de inauguração da UNIFOR, enaltecendo em sua análise, a importância do feito, exprimiu seu pensamento e expectativas com a seguinte reflexão:

A Universidade de Fortaleza, representa a mais viva expressão de responsabilidade e compromisso acadêmico e de desenvolvimento para com a sociedade cearense por meio da educação superior em seguida proferiu a seguinte frase: “Educação é gênero de primeira necessidade e investimento prioritário”. (QUEIROZ, 1973, p. 34).

A partir desse momento a UNIFOR iniciou suas atividades acadêmicas com aproximadamente 1.270 alunos. Esta instituição atualmente conta com 29 cursos de graduação e nove de graduação tecnológica executiva. O quadro constitui-se com cerca de 25 mil discentes e 1.200 docentes sendo 80% mestres e doutores (UNIFOR, 2014).

Figura 3 – Imagem histórica da UNIFOR ano 1973



Fonte: fortalezanobre.com.br

Durante esse período, lançou mais de 70 mil profissionais graduados e mais de 7 mil pós-graduados qualificados no mercado de trabalho, como também docentes responsáveis pelo acompanhamento, orientação e execução de centenas de projetos de pesquisa no domínio científico, tecnológico, artístico e cultural em prol do reconhecimento de sua grandeza

humano-institucional (UNIFOR, 2014).

O chanceler Edson Queiroz tinha como propósito e princípio ético e revolucionário, criar uma Instituição Educacional que transformasse a ideia de desenvolvimento regional por meio de investimentos no âmbito da educação superior, que provocasse mudança social e econômica no que ele chamava de “instituição viva” (UNIFOR, 2014).

A infraestrutura da UNIFOR (UNIFOR, 2014), é composta atualmente por 300 salas de aula, 230 laboratórios numa área de 720 mil metros quadrados. Dentro dessa megaestrutura pode-se citar:

- a) a Biblioteca com acervo aproximado em 320 mil obras, além de auditórios com capacidade de reunir 1.000 pessoas. Dispõe de um teatro com infraestrutura para reunir um público de 1.000 pessoas;
- b) dispõe de uma atuante clínica odontológica, onde o aluno aplica suas técnicas em atendimentos especializados, com o acompanhamento da equipe de professores especializados na área;
- c) salas de vídeo composta de uma boa infraestrutura além de paredes isolantes de ruído proporcionando boa acústica;
- d) na comunicação dispõe de uma TV universitária enfocando ações universitárias no âmbito interno e externo;
- e) um centro de convivência com vários empreendimentos como gastronômicos, farmácia, entre outros, mantendo eficácia no atendimento de docentes, discentes, visitantes e pesquisadores e outros que circulam no campus;
- f) uma unidade bancária gerando eficiência quanto ao desperdício de tempo dos alunos e professores e funcionários do campus. Uma unidade móvel de urgência e emergência equipada com material de primeiros socorros, com o apoio de paramédicos para o atendimento de urgência;
- g) um Núcleo de Atenção Médica (NAMI) atendendo a sociedade das comunidades do entorno, além de um parque desportivo com modernos equipamentos como espaço olímpico, ginásio, academia de ginástica;
- h) na área odontológica, o moderno laboratório de ensinamentos e práticas da área, tem mostrado eficácia na preparação de profissionais para o mercado de trabalho, cuja tecnologia avançada nos equipamentos disponíveis fazem a diferença no curso.

Esses espaços são frequentemente visitados por alunos de Escolas, IES de Fortaleza e

pesquisadores nacionais e estrangeiros cujas parcerias são firmadas por meio de intercâmbio com algumas Instituições que mobilizam seus alunos e educadores para pesquisas no *campus* em busca de conhecimento cultural, artístico entre outros.

Conforme foi relatado sobre a infra-estrutura da UNIFOR, um detalhe a ser primado é a constante preocupação com a preservação e o cuidado com a flora existente no *campus*, mantendo ambiente saudável quanto a arborização e reutilização de águas para manutenção dessas árvores conforme pode-se visualizar na (FIGURA 4).

Figura 4 – Campus da UNIFOR ano 2014



Fonte: http://xdaquestao.com/curso_prevest.php

A UNIFOR também dispõe de um bloco completo correspondente ao Escritório para a prática jurídica que tem atuado como mediador em diversos casos jurídicos atendendo especialmente moradores das comunidades carentes do entorno. Contempla também no seu *campus*, Empresas juniores, Escola de Ensino Infantil e Fundamental, cuja *performance* é expressa diante de prêmios ganhos na área inserida, além de núcleos de prática acadêmica e de pesquisa atuando expressivamente no campo tecnológico de inovação e comunicação (UNIFOR, 2014).

No campo do intercâmbio com universidades estrangeiras, a UNIFOR mantém relacionamentos institucionais com os seguintes países: EUA, Alemanha, Canadá, Argentina, Bélgica e Bolívia, enviando alunos dos seus cursos e recebendo acadêmicos dos respectivos países descritos, (UNIFOR, 2014). Como pode ser vislumbrado no (quadro 3) em anexo.

Na área de tecnologia da Inovação, dispõe de acessos de alta velocidade à internet, todos os processos acadêmicos e administrativos da Instituição estão integrados, possibilitando à comunidade acompanhar, virtualmente, em um mesmo ambiente, procedimentos didático-pedagógicos (teleconferências), acessar avançadas bases de dados para pesquisa e utilizar os recursos da educação à distância. Além disso, o *campus* da UNIFOR oferece cobertura de internet *Wi-Fi* gratuita em toda a sua extensão.

Sobre a UNIFOR o fundador da Instituição, Chanceler Edson Queiroz (1973) declarou: “Não quero que falem agora da Universidade, mas sim daqui a dez, vinte anos, quando talvez eu não esteja mais aqui”. Passados quarenta anos, muito pode ser dito sobre a Instituição. No entanto, o que mais concretamente deve ser considerado é o incontestável valor que hoje representa a UNIFOR no cenário da educação brasileira.

Pompeu e Carvalho (2012, p. 53) corrobora que a universidade contemporânea deve: “tornar-se mais engajada e participativa nos diversos segmentos da sociedade, fornecendo soluções para os problemas que deveriam ser tratados por políticas públicas de governos tais como: saúde, educação, meio ambiente, desenvolvimento econômico, entre outros”.

Dentro da sua história, a UNIFOR vem desempenhando papel importante para a sociedade em vários segmentos conforme sua evolução histórica, representada no (QUADRO 9).

Quadro 9 – Retrospectiva da UNIFOR

Anos 1970	1971 - 15 de abril	Criação da Fundação Educacional Edson Queiroz, com a missão de contribuir para a expansão e o aperfeiçoamento do ensino superior no Estado do Ceará.
	1971 17 de setembro	Lançamento da pedra fundamental da Universidade, em ato presidido pelo governador do Ceará, César Cals de Oliveira Filho.
	1973 - 4 de janeiro	Decreto do presidente da República autorizando o funcionamento da UNIFOR. Realização do primeiro vestibular, com 2.007 candidatos inscritos, disputando 1.270 vagas, para 17 cursos.
	1973 - 21 de março	Inauguração da UNIFOR, com aula proferida pelo ministro da Educação e Cultura, Jarbas Gonçalves Passarinho.
	1974	Inauguração da Biblioteca UNIFOR.
	1975	Realização da primeira colação de grau, em cerimônia presidida pelo governador do Estado, Adauto Bezerra.
	1978	Criação do Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI) para atender à população carente da Comunidade do Dendê e outras.
Anos 1980	1982 - 8 de junho	O chanceler Edson Queiroz falece, vítima de acidente aéreo na Serra da Aratanha, em Pacatuba, município do Ceará.
	1982 - 23 de junho	Seu filho primogênito, Airton José Vidal de Queiroz, assume a presidência da Fundação Edson Queiroz e a chancelaria da Universidade de Fortaleza. Fundação da Escola de Aplicação Yolanda Queiroz, instituição gratuita de educação infantil e ensino fundamental para filhos de funcionários da Universidade e da vizinha Comunidade do Dendê.
	1983	Reconhecimento da UNIFOR pelo Conselho Federal de Educação, do Ministério da Educação.
	1988	Inauguração do Espaço Cultural UNIFOR, com o objetivo de promover o desenvolvimento das artes plásticas no Ceará.
Anos 1990	1992	Implantação do Programa de Iniciação Científica, elevando a UNIFOR no ranking das Instituições de Ensino Superior (IES) nacionais.
	1994	Aprovação de novos cursos de especialização. Criação dos núcleos de pesquisa em cada Centro de Ciências.
Anos 2000	2001	Inauguração do primeiro laboratório do Brasil de projetos para o mercado de Gás Liquefeito de Petróleo (gás de cozinha).
	2003	Criação do Núcleo de Educação a Distância (Nead). Inauguração do Teatro Celina Queiroz.
	2004	Inauguração do Centro de Convivência. Validação dos cursos de mestrado.
	2009	Abertura dos cursos de doutorado em psicologia, administração de empresas e saúde coletiva.
	2010	Conquista do Prêmio Melhores Universidades, como a melhor Universidade Privada das regiões Norte-Nordeste.
	2011	Oferta dos cursos superiores de graduação tecnológica.
	2013	A UNIFOR comemora 40 anos contabilizando mais de 70 mil alunos graduados e mais de 7 mil pós-graduados. Possui cerca de 25 mil alunos, distribuídos em 29 cursos de graduação, 9 cursos de graduação tecnológica executiva, 80 cursos de especialização e MBA, bem como nos 5 programas de mestrado e de doutorado, além do curso de doutorado em parceria com a Rede Nordeste de Biotecnologia.

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Pompeu e Carvalho (2012).

O reconhecimento da Instituição e a sua maturidade acadêmica não vieram por acaso. É fruto do trabalho de profissionais que lutam e desejam que, pela educação, pelo ensinar e pelo aprender diário, se construa a sociedade justa e humana no mundo melhor que queremos.

Desde 1973 que a UNIFOR segue princípios que norteiam o objetivo Máximo do ensinar e na criação de profissionais que atuam no mercado de trabalho conscientes do seu dever e de sua capacidade.

Missão

Contribuir para a realização de ideais e sonhos, formando profissionais de excelência, mantendo o compromisso com o desenvolvimento socioambiental, científico e cultural (UNIFOR, 2014).

Visão

Ter a preferência regional e estar entre as 10 melhores Universidades particulares do Brasil. (Avaliação pelo Índice Geral de Cursos - IGC/MEC, até 2014) (UNIFOR, 2014).

Valores

- Respeito ao homem e à sua diversidade, aos princípios democráticos e aos direitos humanos;
- Responsabilidade social e ambiental;
- Compreensão do ser humano como centro do processo educativo;
- Contribuição com as transformações científicas, econômicas, políticas, sociais, culturais e tecnológicas;
- Compromisso com a ética, a arte e a estética (UNIFOR, 2014).

3.1 Extensão Universitária e Comunidade Acadêmica

No artigo intitulado “Responsabilidade Social no Ensino Superior”, Bolan e Motta, (2007) descrevem que o papel da extensão universitária vai além da prática pedagógica. Segundo o Plano Nacional de Extensão (PNE) é fator preponderante para o desenvolvimento acadêmico, a interligação entre a Universidade e população, atribuindo práticas acadêmicas por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Com isso o cidadão consegue se credenciar pela formação profissional já que o espaço de produção do conhecimento se privilegia quando supera desigualdades sociais.

Para o PNE, o equilíbrio entre as demandas sociais e inovações do trabalho acadêmico, refletem uma grande importância, tanto que seus objetivos são:

- a) possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e transferência de conhecimentos ampliando o acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do país;
- b) reafirmar o processo acadêmico como parte unidade da extensão universitária indispensável para a formação, profissionalização e na qualificação do professor e do intercâmbio com a sociedade, gerando relações transdisciplinares e Inter profissionais;
- c) em face às necessidades sociais emergentes entre essas áreas, da educação, habitação, saúde, geração de emprego, produção de alimentos e ampliação da renda;
- d) utilizar tecnologias disponíveis ampliando a oferta de oportunidades melhorando qualitativamente a educação tanto presencial como à distância;
- e) enfatizar a relevância nas atividades de produção cultural e artística elevando de sobremaneira o desenvolvimento do país e das regiões inseridas;
- f) fomentar como atividade intencionistas, práticas de educação ambiental e desenvolvimento sustentável;
- g) inserir a universidade em participar de propostas de elaborar políticas públicas e se constituir organismo legítimo para acompanhar e avaliar tais ações.

Os objetivos do PNE geram produtos de interesse acadêmico, filosófico, científico, tecnológico e artístico para prestação de serviços no Ensino, na pesquisa e na extensão.

O Código de Auto-Regulamentação do Ensino Superior (CARES), criado pela Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (ABMES) (2006) após a criação da Carta de Princípios do Ensino Superior Privado Brasileiro (2005) que proferia seus valores enquanto negócio passou a ter exercício consciente em responsabilidade social. Adotaram-se referenciais de valores e condutas éticas e morais, assegurando além da governança responsável, a preservação responsável de objetivos sociais, na pesquisa e na extensão.

Bolan e Motta, (2007) mostram no seu trabalho a valorização e o resgate da real importância dessas universidades, no cenário nacional tanto social como econômico cuja imagem fora distorcida de seus princípios, por políticas públicas, missões institucionais equivocadas e até por gestores descuidados e despreparados para o exercício ético de suas

funções. Por esse motivo Furman (2004) descreve que a partir daí a comunidade universitária começou a tornar públicas suas boas práticas de ética e condutas acompanhando o movimento global dessas práticas na comunidade educacional.

Enaltecendo o caráter da responsabilidade social acadêmica, os autores afirmam sua importância da seguinte forma:

Uma instituição educacional considerada socialmente responsável traz para a academia os problemas da sociedade e cria um ambiente que fomenta a formação de lideranças, que propõe soluções, intervenções, discussões e tecnologias que contribuem para que a própria sociedade possa superar esses problemas. (BOLAN; MOTTA, 2007, p.24).

Nesse sentido é que o professor universitário possa praticar a pesquisa instrumental-metodológica no exercício da docência. Trocaria a pesquisa empírica pela pesquisa aplicada evidenciando um ambiente pedagógico diferenciado com práticas de responsabilidade social, sem perder a autonomia universitária, no entanto permitindo-se vínculos entre IES e empresas e sociedade em geral (BOLAN; MOTTA, 2007). Segundo os autores, existe um conflito nesse meio que corresponde à diferença de objetivos, de um lado a pesquisa acadêmica de forma integral, do outro lado a pesquisa empresarial, esta última busca a melhoria nos processos, produtos e serviços, na avaliação dos mercados e desenvolvimento de novas tecnologias.

Kawax, (2006), citou os países que têm um fraco desempenho em produção científica entre eles estão: o Brasil, a África do Sul, o México e a Argentina, com uma produção científica abaixo de 150 artigos por milhão de habitantes e tecnológica abaixo de 3 patentes por milhão de habitantes, onde o ideal seria acima de 150 patentes (LANDI, 2005). Para este autor, uma das soluções seria acolher um maior número de profissionais qualificados nessas pesquisas, aumentando de sobremaneira o número de patentes onde ocorreriam maiores parcerias entre IES e indústrias.

Um dado que melhora a *performance* do Brasil diante dessa situação, foi divulgado pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEXBRASIL), quando mostra que o Brasil tem se destacado nas pesquisas científicas e em projetos de inovação nos últimos três anos, quando a produção de conhecimento no Brasil cresceu seis vezes mais que a média mundial.

Com isso, o eixo ciência-tecnologia-educação se tornou fundamental para o crescimento do País. Para apresentar o poder do Brasil nessa área, a APEXBRASIL divulgou uma lista

com os principais destaques tecnológicos. Dentre os principais, destaca-se o Brasil como líder mundial na exploração de petróleo em águas profundas e nas pesquisas sobre bicompostíveis de 1ª e 2ª geração. Diante do assunto abordado, a seguir versará sobre Vice-Reitoria de Extensão Comunitária Universitária, os quais são de suma importância tanto para a Universidade como para a sociedade.

3.2 Vice-Reitoria de Extensão Comunitária Universitária

A iniciativa da Vice-Reitoria de Extensão Comunitária Universitária da UNIFOR primando pelo fomento no apoio a pesquisas, extensão e ações de responsabilidade social, visando o bem comum em atividades didático-pedagógicas além da prática em ações de cidadania nas comunidades circunvizinhas do campus da UNIFOR.

Dessa maneira, acredita-se que essas ações abrangem atualmente no campo da difusão das conquistas tecnológicas, científicas ou culturais os seguintes princípios: por meio da oferta de cursos voltados tanto para comunidade interna como a externa; por meio da prestação de serviços ou promoção de atividades culturais, por meio de divulgação em mídia jornalística ou científica.

Quanto ao estabelecimento da reciprocidade com a sociedade, ações de responsabilidade social e ações práticas voltadas ao atendimento das necessidades sociais emergentes. Macfarlene (2005) defende que a fragmentação epistemológica e a valorização profissional pela produção acadêmica de pesquisas especializadas, sem o compromisso institucional, resumiria a responsabilidade social ambiental apenas em retóricas, reafirmando que a saída seria o fomento em pesquisas acadêmicas voltadas prioritariamente para a auto sustentabilidade e a utilização de um sistema que absorvesse o acadêmico compensando-o profissionalmente nessas atividades.

O subsídio financeiro, a aproximação do capital intelectual acadêmico do empresarial, além dos benefícios advindos da própria pesquisa, permitiria que as instituições de ensino pudessem alocar recursos internamente de modo a manter um balanço entre a pesquisa básica e aplicada (THORN; SOO, 2006).

Para Ribeiro (2014) é objetivo avaliar o ensino superior em sua tríplice função: ensino, pesquisa e extensão, do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES),

criado pela Lei N° 10.861/2004, fundamentando-se na necessidade de promover a melhoria da qualidade.

3.3 Identificação dos projetos de responsabilidade social da UNIFOR

Diversas ações desenvolvidas pela UNIFOR no tocante à ética e a Responsabilidade Social, destacam-se quando se retrata a transparência e o conhecimento aplicado em projetos voltados à sociedade, além do empenho da gestão e a participação dos corpos docentes e discentes, tornando real a responsabilidade empregada para execução e acompanhamento dessas ações. Projetos com características de programas serão apresentados abaixo e suas perspectivas futuras no campo da RSU (UNIFOR, 2014).

3.3.1 Escolas de Aplicação Yolanda Queiroz

Escola de Aplicação Yolanda Queiroz inaugurada em 1982 cuja trajetória destaca-se pelo ensino gratuito a cerca de 720 crianças do Jardim I até a 1ª Série do Ensino Fundamental, além de resultados obtidos na dedicação do ensinar e a orientação pedagógica para essas crianças serve de campo de prática de estágio aos alunos dos Centros de Ciências Humanas e da Saúde. A Escola Yolanda Queiroz já alfabetizou até este período 7 mil crianças. Práticas diárias como alfabetização ecológica e valores humanos fazem parte das lições atribuídas à responsabilidade social na Escola cujos resultados foram apresentados em agosto de 2013 na I Feira de Ciências cujo tema escolhido foi “Educar para Sustentabilidade” (UNIFOR, 2014).

Figura 5 – Atividades escolares da Escola Yolanda Queiroz



Fonte: www.UNIFOR.br

Eventos como a XIV Mostra de Dança e Arte (CRIARTE), assim como o espetáculo: “O Mundo dos Contos de Fadas” fazem parte das comemorações dos 30 anos de fundação da Escola Yolanda Queiroz quando as apresentações encantaram a todos os presentes e transportando-os a um mundo de príncipes, princesas, palácios e florestas (UNIFOR, 2014).

3.3.2 *Projetos Agentes Varejistas*

Em seguida observou-se a necessidade de trabalhar jovens com o conceito de empregabilidade no campo do varejo, gerando dessa forma o projeto Agentes Varejistas cujos participantes passam a praticar a venda de produtos necessários às pessoas no *campus*, ação essa que vem influenciando positivamente a adoção do espírito empreendedor nesses jovens que iniciam como vendedores ambulantes após passarem por um processo de seleção e um curso ministrado sempre no período das férias (UNIFOR, 2014).

3.3.3 *Projeto Arte-Educação*

Países cujo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) apresentam melhores resultados de desenvolvimento em contradição a outros sem muita perspectiva no campo social, tanto pela situação demográfica e social-política, utilizam elementos e ações voltadas à melhoria social por meio da educação, da saúde da cultura e arte, quando apresentam indicadores satisfatórios com a utilização dessas práticas.

No Projeto Arte e Educação visões críticas e preventivas são aplicadas quando se oportunizam conhecimento nessa área para adolescentes e crianças da rede pública e privada de diversas escolas do Ceará, cujas visitas são destinadas à apreciação da cultura e da arte no mundo. Nesse espaço obras de ícones da Arte Plástica como: Miró, Rembrandt, Rubens e Portinari. Na exposição “Trajetórias” visitaram o campus 865 grupos de escolas que apreciaram mostras de acervo como a representação de 30 anos de trajetória da história das artes plásticas brasileira, catalogadas pelo Chanceler Airton Queiroz (UNIFOR, 2014).

No âmbito das exposições relevantes no Espaço Cultural da UNIFOR, podemos destacar exposições de artistas como Tarsila do Amaral, Antônio Bandeira, Heloisa Juaçaba, Alfredo Volpi e Aldemir Martins; exposições como: “Abstrações - Coleção Fundação Edson Queiroz (107 Obras) e Coleção Roberto Marinho (62 obras) (1904-2003), mostra com 169 obras que teve como parceria o intercâmbio desses acervos cujas obras nunca antes vistas pelo

público brasileiro, apresentando o abstracionismo informal e geométrica de artistas consagrados como Mira Schendel, Antônio Bandeira, UbiBava, Cícero Dias, Hércules Barsotti, Iberê Camargo, Abraham Palatnik e Tomie Ohtake, três esculturas de Bruno Giorgi, sete pinturas de ManabuMabe e um desenho de FransKrajcberg (UNIFOR, 2014).

Em entrevista nessa exposição o diretor do Paço Imperial (RJ) Lauro Cavalcanti faz a seguinte reflexão: “Esta exposição mostra dois importantes fluxos que, se misturando com outros, formaram esse fascinante universo de águas profundas que chamamos de arte contemporânea”.

Dentro da perspectiva de levar ao público visitante ao espaço cultural da UNIFOR, algumas trilógicas com anos de pesquisa se tornaram realidade e se transformaram em exposição narrando casos como podemos destacar a exposição dos 24 empreendedores expostos na (Figura 6) abaixo, que foram responsáveis pelo desenvolvimento de alguns grupos empresariais no Brasil, destacando na área de Educação Superior o Sr. Edson Queiroz cujo propósito de implantar uma Instituição de Ensino Superior (IES), apresentando à sociedade princípios éticos com a máxima de requisitos ambientais, sociais e econômicos, além de transformar vidas de profissionais e empreendedores de sucesso que também passaram pelos cursos oferecidos durante todo esse período.

Figura 6 – Pioneiros & Empreendedores



Fonte: www.fiec.org.br

Atividades de arte-educação são desenvolvidas pelos profissionais envolvidos no projeto com as crianças após a visitação dessas obras, momento que se valoriza e se fomenta a motivação, o entendimento e a criatividade dessas crianças. Nesse contexto surgem relatos de gestores a seguir: da chefe da Divisão de Arte e Cultura da UNIFOR: “Trabalhamos temas relacionado ao que foi mostrado na exposição, dependendo da idade e do repertório do

público. Promovemos o encontro com as informações acerca da obra, do artista, do objeto, numa forma de construir significados”.

O significado da arte para as crianças que visitam essas exposições representa a importância de vivenciar momento de cultura, fazendo-os externar suas opiniões a respeito da importância da visita. Seguem abaixo alguns depoimentos:

- a) o aluno Gabriel Helder que escolheu a obra “Escultura de Leon Ferrari, comenta: “É sempre muito bom visitar as exposições. Escolhi essa aqui porque é bem diferente, tem uma forma interessante, além de ser bem bonita”.
- b) para o aluno do ensino fundamental David Presley escolheu a obra “To Spin, Span, Spun do artista plástico Sérvulo Esmeraldo, enfatiza: “Gostei de tudo, mas essa com certeza é a mais legal, pelo barulho das moedinhas caindo. Amo vir aqui, tem um bocado de obras legais”.

3.3.4 Projeto Cidadania Ativa

Esse projeto foi criado no período de 2001 como uma das práticas jurídicas do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ), primando pelo voluntariado do seu corpo docente e discente por meio de práticas cidadãs no acompanhamento, na mediação e arbitragem de atos jurídicos apoiando cidadãos das comunidades assistidas, e em outra instância, promovendo o apoio em projetos voltados a políticas de instituições públicas governamentais além de projetos especiais voltados a ONG. São desenvolvidos 31 programas visando o fortalecimento da cidadania além do conhecimento jurídico por meio de palestras, reuniões, apostilas, *folders* e cartilhas orientadoras.

3.3.5 Projeto Jovem Voluntário

Na busca de solucionar problemas comunitários do entorno da UNIFOR, o Projeto Jovem Voluntário por meio de promoções voluntárias, mobilizam dezenas de alunos de diversos cursos. Incentivados a exercerem papel ativo nas demandas existentes nessas comunidades, participam deste projeto criado em 2002, direcionado e atendendo especialmente crianças internadas nas seguintes unidades básicas de saúde em Fortaleza: Lar Torres de Melo; Instituto do Câncer; Hospital São José; Hospital Albert Sabin (Fundação Peter Pan), por meio de atividades lúdicas. São apoiados pela Lei do serviço Voluntário n.

9.608 prestada por pessoa física, Instituição Privada sem Fins Lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social (UNIFOR, 2014).

3.3.6 Educação e Saúde na Descoberta do Aprender

Este projeto que constitui duas necessidades básicas do indivíduo, realizado pela Vice-Reitoria de Extensão comunitária da UNIFOR, já conta com 14 anos de atividade, mantendo parceria com o instituto do Rim e de Doenças Renais (Centro de Diálise) (UNIFOR, 2014).

Em 2012 foi destaque durante matéria tele jornalística exibida no Jornal Nacional quando indicadores de redução do sofrimento por meio de exercícios lúdicos aplicados a 120 pacientes que passam por hemodiálise no Ceará, suprimindo também deficiências na formação escolar sendo apoiados por alunos bolsistas e voluntários dos cursos de Psicologia, Jornalismo e Audiovisual, Publicidade e Propaganda, Belas Artes como diferencial o aprendizado e a formação profissional dos alunos envolvidos ao entenderem sua posição no papel social ao ministrar aulas em clínicas e hospitais citados já capacitaram e alfabetizaram mais de 400 pessoas (UNIFOR, 2014).

Recentemente foi palco de uma pesquisa realizada por alunos que integram o intercâmbio acadêmico entre a UNIFOR e a Universidade Alemã “Fachhochschule Deggendorf”, cuja base será aplicada naquele país como diferencial de uma Instituição de Ensino Superior (UNIFOR) que utiliza de métodos que postulam a educação a ciência e a cidadania (UNIFOR, 2014).

3.3.7 Centro de Formação Profissional

Cursos técnicos e profissionalizantes são disponibilizados à moradores da comunidade do entorno da UNIFOR que tem como monitores, alunos de vários cursos como: engenharias Civil e Elétrica; Ciência da Computação; Arquitetura e Urbanismo. Tem como objetivo a geração de emprego e renda para essas pessoas após se capacitarem profissionalmente. Na área profissionalizante cursos de bombeiro hidráulico e instalações elétricas, conserto de eletrodomésticos e cuidados infantis.

3.3.8 Centro Nacional de Treinamento de Atletismo

Souza (2000) considera o esporte como fenômeno de grande expressividade social. O surgimento da escola de esportes da UNIFOR teve como princípio atender crianças e adolescentes da comunidade do Dendê e adjacências. Tem como base metodológica a fundamentação da inclusão do jovem à prática esportiva onde a prática ensina a criança a jogar na busca de provocar saúde e bem-estar em nível psicomotor (PINHEIRO et al., 2011, p. 118).

Figura 7 – Arena olímpica da UNIFOR



Fonte: <http://globoesporte.globo.com/ce/noticia/2012/08/>

O Parque desportivo da UNIFOR é composto por um Ginásio poliesportivo, quadras de tênis, campo de futebol oficial e *society*, piscina, vôlei de areia e um Estádio de Atletismo certificado pela Confederação Brasileira de Atletismo como um avançado espaço que vem recebendo eventos competitivos nacionais e internacionais. O projeto Escola de Esportes apoia mais de 200 alunos atletas estagiando alunos de escolas da rede pública, sendo um destaque por estar tratando da melhoria de qualidade de vida de moradores vulneráveis a situações de risco social. Destaque especial no atletismo a aluna Maria Neidiane atualmente é bicampeã brasileira de salto triplo. Destaca-se também a qualidade da pista de atletismo considerada (nível II) pela Federação Internacional de Atletismo (IAAF) (JORNAL DO CAMPUS DA UNIFOR, 2009).

Segundo Pinheiro et al. (2011), trabalham juntos, a Vice-Reitoria de Extensão Comunitária e o Curso de Educação Física com a proposta de promover nas comunidades do entorno do *campus* da UNIFOR, o benefício à crianças e adolescentes na prática esportiva

orientada.

A UNIFOR apoia e desenvolve projetos que promovem a melhoria das condições sociais por meio do esporte. A Escola de Esportes é uma das iniciativas que têm se mostrado como importante fator de inclusão social no Ceará (JORNAL DO CAMPUS DA UNIFOR, 2009).

3.3.9 Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI)

Tem como objetivo a promoção na melhoria da qualidade de vida no campo da humanização do atendimento. É destaque no Norte e Nordeste quando atende casos de alta complexidade na saúde beneficiando 25 mil pacientes por ano, realizando mais de 300 mil atendimentos (UNIFOR, 2014).

São atendidos moradores do entorno em análises laboratoriais, acompanhamento a gestantes, fonoaudiologia, fisioterapia, enfermagem, nutrição, terapia ocupacional, Psicologia, Serviço Social, Saúde Mental, entre outros. Também são atendidos pacientes com problemas neurológicos motores utilizando-se a Toxina Botulínica (BOTOX). São utilizadas próteses auditivas, atendimento a crianças com síndrome de Down ou paralisia cerebral, portadores de deficiência física como cadeirantes entre outros, dispõem de salas especializadas e adaptadas, cuidados com a obesidade a anorexia, compulsão alimentar no programa de Nutrição (UNIFOR, 2014).

Além da vivência profissional, 3500 alunos por ano dentre eles professores dos cursos de Psicologia e Centro de Ciências da Saúde, desenvolvem pesquisas teóricas e práticas. Destaca-se também: uma completa Academia de Integração Sensorial; homenageado pela USAID e *Management Sciences do Health* (MSH) – Cambridge – Massachusetts (EUA), além do excelente conceito pela Sociedade Brasileira de Análises Clínicas (SBAC). O NAMI também recebeu Certificação Padrão Ouro em Esterilização pela 3M do Brasil (UNIFOR, 2014).

3.3.10 Escritório de Prática Jurídica

Esta é uma unidade responsável pela manutenção dos direitos dos cidadãos das comunidades citadas nesse projeto por meio de assistência jurídica gratuita em

encaminhamento de processos, consultas nas diversas áreas como: criminal e cíveis alcançando por semestre 15.000 pessoas atendidas. Seu espaço dispõe de 120 cabines de atendimento e dois laboratórios de informática.

3.3.11 Núcleo de Ações Estratégicas

Este setor tem demonstrado habilidade dos alunos que participam do planejamento de ações direcionadas à consultorias organizacionais quando fecha parceria e pequenas empresas dos moradores do entorno do *campus*, orientando-os sobre vendas, e planos de negócios, esta unidade tem desenvolvido trabalho no esforço de inserir a sociedade do entorno em ações que mitigam o planejamento estratégico e o desenvolvimento organizacional (UNIFOR, 2014).

Conforme relatos existentes no início deste capítulo é frisado que a UNIFOR manifesta desde o início sua disposição de voltar-se para assuntos pertinentes à responsabilidade social e a inserção em programas de desenvolvimento sustentável. Com relação aos inúmeros projetos e ações citados que atestam o compromisso da UNIFOR com a sociedade interna e externa do seu *campus*, é tido como meta específica o apoio às comunidades do entorno (UNIFOR, 2014).

Dessa maneira, acredita-se que a intenção do senhor Edson Queiroz condizia com ações sociais da UNIFOR, voltadas a camadas da sociedade consideradas vulneráveis em vários aspectos, vivencia-se atualmente, mudanças paradigmas nos conceitos e nos costumes daquela época, além de favorecer substancialmente o fator cultural nesse caso. Forma-se assim um novo conceito no tocante à RSU com o intuito de pessoas serem beneficiadas com melhorias educativas e a inserção em projetos cuja *performance* busca a profissionalização em diversos campos na vida dessas pessoas que participam direta e indiretamente dos projetos apresentados nesse trabalho (UNIFOR, 2014).

Neste seção, foi abordado o contexto histórico e a evolução da UNIFOR, apresentando seus projetos de responsabilidade social da UNIFOR que firmam o dever com a sociedade no tocante a formação acadêmica e profissional. A disponibilidade de infraestrutura adequada para a prática de varias atividades com atenção a área do desporto objeto deste estudo além da participação profícua da Vice-Reitoria de Extensão Comunitária na condução dos projetos sociais.

Seguindo as perspectivas esperadas no contexto da universidade, verificou-se a existência dos valores institucionais, pessoais e sociais, considerados princípios que representam os pilares de sustentação da estrutura da RSU, corroborando com o pensamento de Calderon (2006, p. 17) quando afirma que: “a universidade deve ser considerada como uma pirâmide de base triangular. Embora sendo uma única construção, possui uma base e três faces entrelaçadas na sua essência as faces visíveis da pirâmide representam o ensino, a pesquisa e a extensão”.

A intenção foi escrever este capítulo dando uma visão macro das ações da UNIFOR, seus programas e projetos tendo como diferencial a prática da responsabilidade social em cada um dos projetos aqui apresentados influenciando de sobremaneira os participantes do projeto Escola de Esportes os impactos sociais gerados tanto aos professores com também alunos do Curso de Educação Física e jovens da comunidade do entorno. A seguir são descritos os procedimentos metodológicos que permitiram o pesquisador agir na busca dos objetivos propostos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi realizada no *campus* da UNIFOR, especificamente na área de esportes, na Divisão de Desporto, com o público alvo, atletas (alunos) e professores integrantes do projeto Escola de Esportes, quanto ao grau de compromisso, satisfação, melhoria de vida e o grau de responsabilidade dos envolvidos no tocante à RSU em ações sociais, que a UNIFOR pratica desde sua criação.

A coleta de dados foi dividida em duas fases. Na primeira fase foram consultadas fontes secundárias, tais como: estudos bibliográficos de conteúdos inerentes ao tema deste estudo, livros clássicos, revistas, periódicos nacionais e internacionais, pesquisas em *sites* e materiais institucionais de especialistas para o levantamento da Universidade. O período da coleta de dados, nessa primeira fase, no período de janeiro à julho de 2014.

Na segunda fase, foi elaborado um roteiro semi-estruturado para a realização de pesquisa descritiva, onde foram entrevistados professores quanto a sua visão do projeto e benefícios que o mesmo traz para a camada social das pessoas que participam nas modalidades expostas do desporto da UNIFOR, especificamente os envolvidos no projeto em estudo.

Para esta pesquisa optou-se pela escolha do método quanti-quali para capturar dados que atendam aos objetivos propostos. Utilizando-se das seguintes técnicas: pesquisa bibliográfica e descritiva. Foi analisado o projeto “Escola de Esportes” por meio da aplicação de questionários com atletas e corpos docentes e discentes envolvidos no referido projeto.

O trabalho assume que a Universidade tem realizado um trabalho de profunda responsabilidade e tem impactado positivamente a vida deste público mencionado acima e que é o núcleo da vida de uma universidade, ou seja, docentes, discentes e moradores das comunidades em que a Instituição está inserida.

A infraestrutura do projeto é um elemento importante devido à infraestrutura física e pedagógica colocada à disposição do grupo. Alguns estudiosos consideram o ambiente construído e colocado à disposição dos usuários como ingrediente básico para sucesso do projeto, visto que contribuem para o desenvolvimento de atividades socioeducativas.

Esta seção investigou a composição do grupo e por meio de um roteiro semi-estruturado que verificou a opinião do público alvo sobre os objetivos básicos desta pesquisa. Este primeiro momento foi de caráter quantitativo, ainda que não foi feita tentativas inferenciais, mas basicamente descritivas. Em um segundo momento, a pesquisa foi qualitativa, baseada na análise de entrevistas realizadas em profundidade com membros do grupo escolhidos ao acaso.

4.1 Problema de pesquisa

Com a finalidade de responder ao problema de pesquisa proposto: Qual a contribuição do Projeto Escola de Esportes da UNIFOR na melhoria de vida na opinião dos entrevistados (docentes, discentes e jovens atletas das comunidades em estudo)?

E responder ao objetivo geral deste estudo que é: identificar a contribuição do Projeto Escola de Esportes da UNIFOR do ponto de vista da RSU. E os objetivos específicos:

- a) identificar a influência do Projeto Escola de Esportes do ponto de vista da RSU sobre os docentes;
- b) identificar a influência do Projeto Escola de Esportes do ponto de vista da RSU sobre os discentes;
- c) identificar os impactos gerados pelo Projeto Escola de Esporte aos participantes em estudo.

Tendo em vista o tema desta dissertação que trata da Responsabilidade Social do Projeto Escola de Esportes da UNIFOR, os métodos quantitativo e qualitativo se tornam os mais adequados.

4.2 População e amostra

Definiu-se como universo de pesquisa: todos os docentes, discentes e participantes do projeto Escola de Esportes da UNIFOR selecionados de maneira aleatória.

O cálculo para o cálculo da amostra é:

$$n = Z^2 [p(1 - p)]N / Z^2 [p(1 - p) + (N - 1)/e^2]$$

Onde,

N = tamanho da população,

Z = contagem de Z para vários níveis de confiança (α), no caso de 95% $z = 1,96$

ϵ^2 = intervalo de confiança no caso 10%. O nível de precisão ou margem de erro, para uma população finita como a que se analisar agora é plenamente justificada, especialmente para um nível de confiança de 95% aqui escolhido.

Pode-se chegar aos mesmos valores, calculando-se a amostra para os 500 elementos populacionais para a forma de população desconhecida:

$$n_0 = (Z^2 p' q') / \epsilon^2$$

Onde:

n_0 é o tamanho da amostra;

ϵ = é a margem de erro ou o nível de precisão desejado,

p' é a proporção estimada de um atributo presente na população e

$q' = 1 - p'$ (proporção estimada do atributo que não está presente na população).

Fazendo-se os cálculos obtém o número de 96 pessoas, que submetido ao redutor para população finita, vem dá o mesmo número de 81 pessoas.

$$n = \frac{n_0}{1 + \frac{(n_0 - 1)}{N}}$$

Onde:

n = número da amostra finita

n_0 = número da amostra para população normal, infinita ou desconhecida;

N = número da população.

4.3 Método da pesquisa

Esta pesquisa faz uma análise da *performance* de um projeto na área de Desporto com enfoque nas ações de responsabilidade social da UNIFOR.

4.4 Tipo de pesquisa

Quanto aos fins, a pesquisa é descritiva com o papel da descrição das ações do projeto em estudo, proporcionando uma visão geral do seu funcionamento.

4.5 Instrumento de coleta de dados

Para a realização desta pesquisa, utilizou-se um questionário simples com instruções necessárias aos respondentes. Foi aplicado um questionário contendo 14 perguntas em escalas dicotômicas e de *Likert*, contendo os seguintes quesitos: Sexo; 2. Idade; 3. Escolaridade; 4. Da importância da Escola de Esporte para os atletas, para os alunos e professores e corpo administrativo do projeto; 5. Qual atividade esportiva praticada; 6. Tempo de prática no esporte especificado; 7. Quais as mudanças a partir da atividade esportiva desempenhada; e outras.

4.6 Procedimentos

O procedimento para a coleta de dados nesta investigação compreendeu algumas etapas e contou com a participação deste pesquisador e de representantes das quatro categorias escolhidas:

1. dos cem questionários distribuídos nas escolas, foram devolvidos 83 sem que nenhum deles tenha apresentado índice de itens em branco superior a 5%, o que garantiu o aproveitamento de todos;
2. para esta pesquisa, a análise estatística dos dados foi realizada por meio do aplicativo *Instat plus for windows*, versão 3.36 e pelo *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão para estudantes. Os dados coletados foram submetidos a análises estatísticas descritivas;
3. para se levantar a opinião da comunidade sobre os diversos aspectos de responsabilidade social do projeto foram calculadas estatísticas como média, desvio padrão, mediana e quartis;
4. para estimar o grau de satisfação da comunidade com o projeto foi construído um intervalo com 95% de confiança com margem de erro de 5%. A estrutura das questões acha-se descrita abaixo (SEÇÃO 4.7) juntamente com a análise dos demais

resultados.

4.7 Metodologia utilizada na coleta dos dados da pesquisa

1. População e amostra;
2. População: todos os alunos matriculados no projeto Escola de Esportes, professores e alunos do curso de Educação Física da UNIFOR;
3. Descrição da amostra.

Tabela 1 – Faixa etária

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa	
Válido	de 10 a 15 anos	17	20,5	20,5	20,5
	de 16 a 18 anos	38	45,8	45,8	66,3
	mais de 18 anos	28	33,7	33,7	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

Fonte: Pesquisa direta (2014).

Com relação à faixa etária, percebeu-se pelo gráfico que o menor grupo está na faixa de 10 a 15 anos e o maior na faixa de 16 a 18 que corresponde a 45,8% devido ser um grupo homogêneo entre professores, funcionários e alunos praticantes de esportes.

Tabela 2 – Gênero

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Feminino	45	54,2	54,2
	Masculino	38	45,8	45,8
	Total	83	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta (2014).

Dados coletados no questionário indicam que atletas do gênero feminino apresentam porcentagem superior nas atividades desportivas no projeto Escola de Esportes de 83 questionários aplicados 54,2% predominam as estatísticas e os resultados apresentados na (TABELA 2).

4.8 Resultados das análises descritivas

Para se levantar a satisfação dos participantes com os diversos aspectos do ambiente da

área de Desporto da UNIFOR e sua estrutura física, foram calculadas estatísticas como: média, desvio padrão, mediana e quartis. Para estimar o grau de satisfação dos participantes do projeto Escola de Esportes com relação à infraestrutura dos equipamentos desportivos foi construído um intervalo com 95% de confiança. As perguntas do questionário (ver APÊNDICE A) foram em sua maioria na forma de perguntas escalares com várias alternativas que permitiam aos respondentes um amplo leque de opções.

As questões, no entanto, deram um embasamento satisfatório, para que pudesse ser completado com as entrevistas em profundidade que poderão ser realizadas com diferentes elementos da mesma comunidade que se dispuseram a conversar e discutir os achados encontrados na análise quantitativa. É como se as análises quantitativas serviram para escolha de categorias a serem testadas nas entrevistas que foram realizadas.

4.9 Resultados das análises de conteúdo

Em um primeiro instante verificou-se que as pessoas citadas concordaram com a aplicação do questionário a prestar informações necessárias à investigação em foco.

Após a coleta de dados, foi realizada uma Análise de Conteúdo, que consiste em uma metodologia de análise de dados usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1994).

A motivação desta pesquisa deve-se ao fato da UNIFOR ter inserido no seu planejamento estratégico, projetos de responsabilidade social prioritários na formação dos corpos docentes e discentes para um melhor atendimento atender às comunidades carentes existentes no seu entorno.

Para responder o primeiro objetivo específico foi feito levantamento de dados sobre os motivos que levam a UNIFOR a adotar práticas de responsabilidade social nas comunidades do entorno por meio de atividades desportivas.

Os resultados de investigação da melhoria de vida dos assistidos no projeto Escola de Esportes sob a coordenação da Vice-Reitoria de Extensão Comunitária da UNIFOR foram respondidos por meio de questionário aplicado aos atletas das comunidades do entorno,

professores e alunos do curso de Educação Física envolvidos.

A obra de Bardin (2009, p. 15) traz em sua primeira parte uma exposição histórica.

Segundo a autora:

descrever a história da “análise de conteúdo” é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise de comunicações é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a posteriori os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século.

Diante da combinação das análises dos questionários e da análise de conteúdo serão abordados a seguir na próxima seção.

5 ANÁLISE DE RESULTADOS

Essa seção responde aos pressupostos da pesquisa e aos seus objetivos. Esta pesquisa assumiu que os projetos desenvolvidos pela UNIFOR trazem em seu bojo a marca da Responsabilidade Social, tal como colocado pelos seus indicadores.

Seguindo esta linha é que o questionamento central da pesquisa foi no intuito de ver a contribuição de um projeto específico – Projeto Escola de Esportes da UNIFOR na melhoria de vida da comunidade (docentes, discentes e atletas das comunidades em estudo).

As respostas advindas do questionário assinalam que não havia diferença substancial entre as respostas destes grupos pela agregação que havia entre eles, já que docentes assumiam também funções que iam além desta função específica. Assim, a análise ficará a cargo dos resultados colocados em cada uma das perguntas do questionário, reforçadas por respostas obtidas na análise de conteúdo.

A maioria dos participantes indica a necessidade do condicionamento físico (49,4%) e lazer (24 %) como as principais razões que os levam a praticar exercícios físicos, sendo saúde EM terceiro lugar com (17%) aproximadamente das escolhas. A maioria segue as preferências gerais da população brasileira quanto aos esportes, ainda que as caminhadas comecem a aparecer de forma significativa.

Estas respostas estão também em linha com o que diz Souza Junior (2000) sobre o esporte como fenômeno de grande expressividade social e Pinheiro (2011) ao comentar a inclusão do jovem na prática esportiva. Está em linha também com o que apregoa a UNIFOR ao longo de sua existência.

A comunidade afirma que o projeto Escola de Esporte melhorou sua saúde (55,4%), suas relações sociais (33,7%) e também sua autoestima (8,4%). Observa-se que mesmo não sendo a saúde a opção básica das razões porque a comunidade optou pelo esporte, os resultados indicam uma melhoria neste indicador. Isto parece remeter ao conceito tradicional da mente sã no corpo sã (*mens sana in corpore sano*), na expressão latina.

Tabela 3 – Como o projeto Escola de Esportes influencia sua vida pessoal?

Frequência	Percentual	Percentual Válido	Porcentagem Cumulativa
Nas relações sociais	46	55,4	55,4
Na saúde	28	33,7	33,7
Na autoestima	7	8,4	8,4
Nenhuma forma	2	2,4	2,4
Total	83	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

As entrevistas tem reforçado sobremaneira este aspecto da influência do projeto nas vidas de cada membro da comunidade. Um depoimento assinala que sem o projeto tinha uma vida sem muito ânimo.

Entrevistado 5: Antes de praticar esportes era uma dificuldade danada para vir trabalhar. Parece que o sono ao invés de me re... recuperar, relaxar... dava uma surra na gente... e pior é que ao chegar aqui (eu e ela apontando para colega) era um espreguiçar danado. Demorava para a gente deslanchar.

Entrevistado 5: Não tenho dúvida que trabalho com mais energia. Nem parece que estou trabalhando. Deus me livre que falte esporte a partir de hoje.

É por isto que (93%) dos questionados afirmam que concordam que as atividades desportivas promovidas pela UNIFOR por meio da Vice-Reitoria de Extensão e Comunidade Universitária influenciam positivamente a vida dos moradores de uma comunidade carente. Ainda que esta resposta não seja especificamente para a vida de cada um, é clara, a vivência que eles têm com a comunidade e nos resultados visíveis com os participantes do projeto.

O termo inclusão social segundo Froes e Melo Neto (2001), é o maior desafio histórico da sociedade atual. Os autores acreditam que são condicionantes para empresas que tem nas suas ações sociais a iniciativa de incluir o cidadão em atividades que corroborem com seu engrandecimento, torna-os verdadeiramente contribuintes para a promoção da cidadania na sociedade e na comunidade.

Tabela 4 – Você acredita que o projeto Escola de Esporte fortalece os vínculos entre a UNIFOR e as comunidades envolvidas quanto a inclusão social?

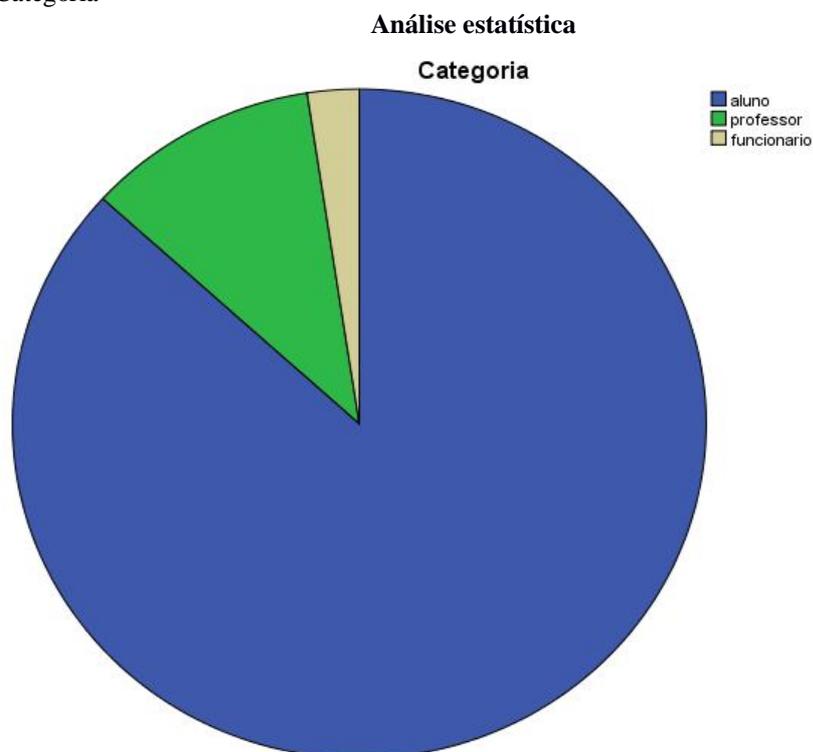
	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Sim	66	79,5	79,5
	Não	9	10,8	10,8
	Em parte	8	9,6	9,6
	Total	83	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Para que a responsabilidade social não seja resumida apenas em retórica, Macfarlene (2005) defende que a saída é a não fragmentação epistemológica e, por conseguinte valorizar profissionais pela produção acadêmica de pesquisas especializadas absorvendo o acadêmico

compensando-o profissionalmente nessas atividades.

Gráfico 1 – Categoria



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

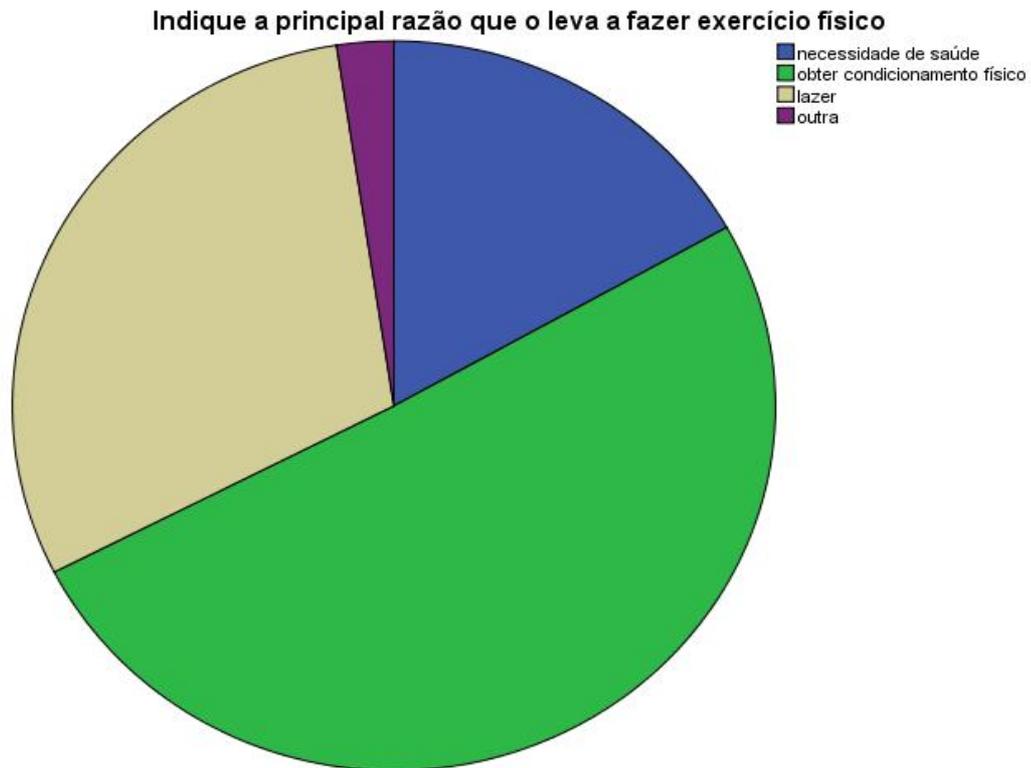
Tabela 5 – Categoria

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa	
Válido	aluno	72	86,7	86,7	86,7
	professor	9	10,8	10,8	97,6
	funcionário	2	2,4	2,4	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

Fonte: Pesquisa direta (2014).

Com relação ao atleta, existe número superior com relação ao gráfico já que várias modalidades estão sendo executadas no projeto Escola de Esportes.

Gráfico 2 – Razões para o exercício físico



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

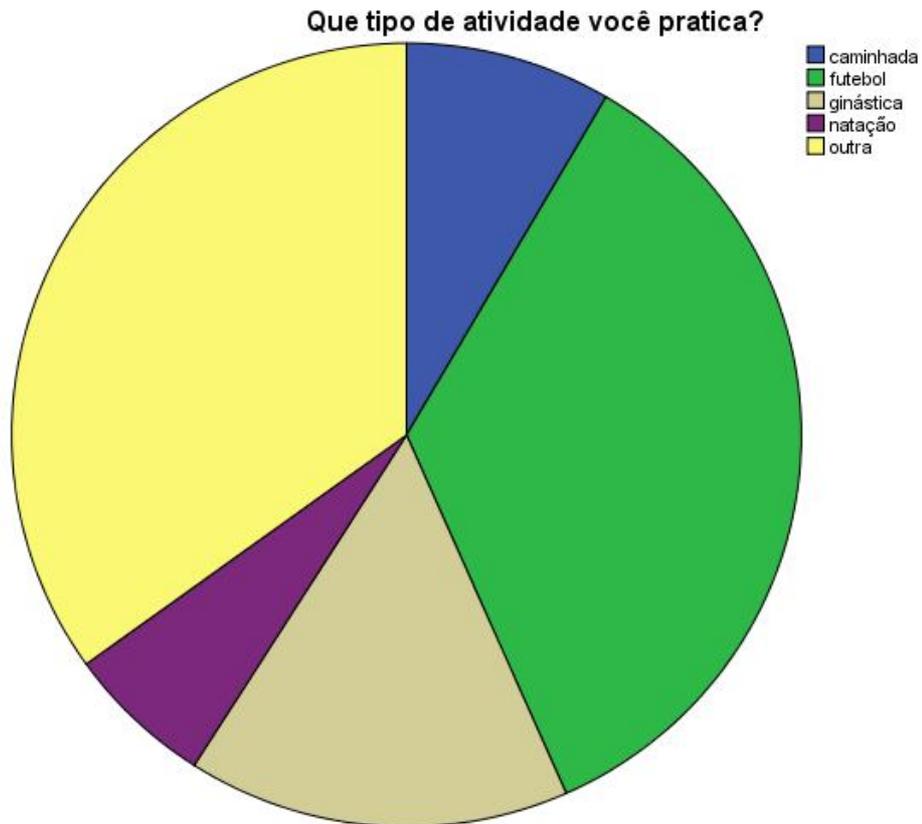
Tabela 6 – Indique a principal razão que o leva a fazer exercício físico

		Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa	
Válido	necessidade de saúde	14	16,9	16,9	16,9
	obter condicionamento físico	42	50,6	50,6	67,5
	lazer	25	30,1	30,1	97,6
	outra	2	2,4	2,4	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

A busca do corpo perfeito e das condições favoráveis a uma boa saúde por meio de condicionamento físico, faz relevância nos resultados obtidos nessa pesquisa quando o percentual acumulativo representam 50,6% com 42 respostas favoráveis nessa variável.

Gráfico 3 – Atividade desportiva praticada no projeto



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

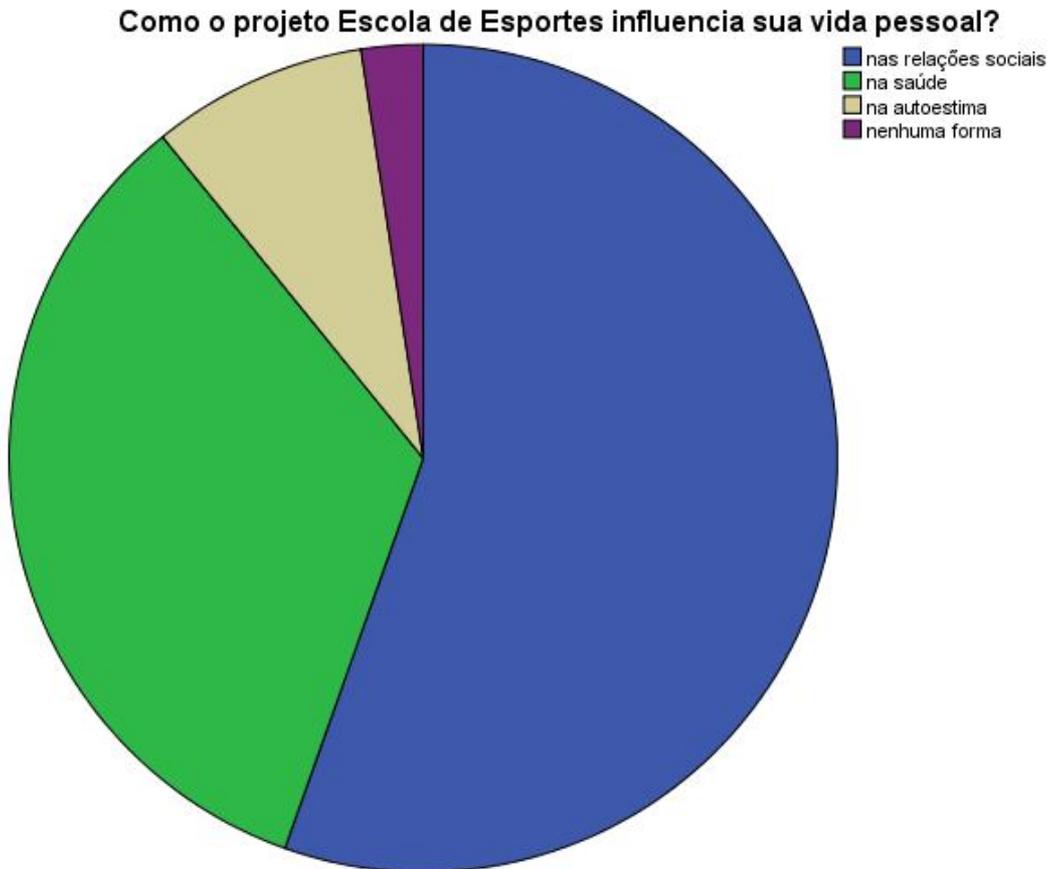
Tabela 7 – Que tipo de atividade você pratica?

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa	
Válido	<u>caminhada</u>	7	8,4	8,4	8,4
	<u>futebol</u>	29	34,9	34,9	43,4
	<u>ginástica</u>	13	15,7	15,7	59,0
	<u>natação</u>	5	6,0	6,0	65,1
	<u>outra</u>	29	34,9	34,9	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Segundo dados aferidos na tabela 7 acima, atividades como: futebol e outros representaram 34,9% das respostas do questionário aplicado.

Gráfico 4 – Influência de atividades desportivas do projeto Escola de Esportes



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Tabela 8 – Como o projeto Escola de Esportes influencia sua vida pessoal?

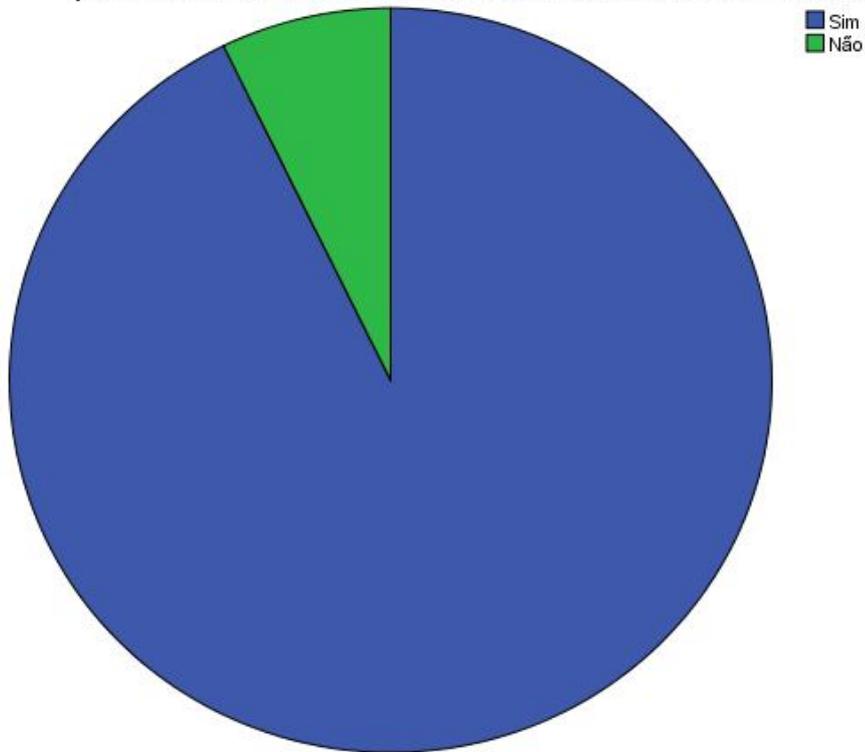
	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	nas relações sociais	46	55,4	55,4
	na saúde	28	33,7	89,2
	na autoestima	7	8,4	97,6
	nenhuma forma	2	2,4	100,0
	Total	83	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Na tabela 8 demonstra-se o quanto o projeto Escola de Esportes da UNIFOR representa importância vital para os participantes, quando se alcança 8,4% de percentual de autoestima desses envolvidos.

Gráfico 5 – Atividades do projeto para comunidades carentes

Você concorda que as atividades desportivas promovidas pela Unifor por meio da Vice-Reitoria de Extensão e Comunidade Universitária, podem influenciar positivamente na vida de moradores de uma comunidade carente?



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Tabela 9 – Você concorda que as atividades desportivas promovidas pela UNIFOR por meio da Vice-Reitoria de Extensão e Comunidade Universitária, podem influenciar positivamente na vida de moradores de uma comunidade carente?

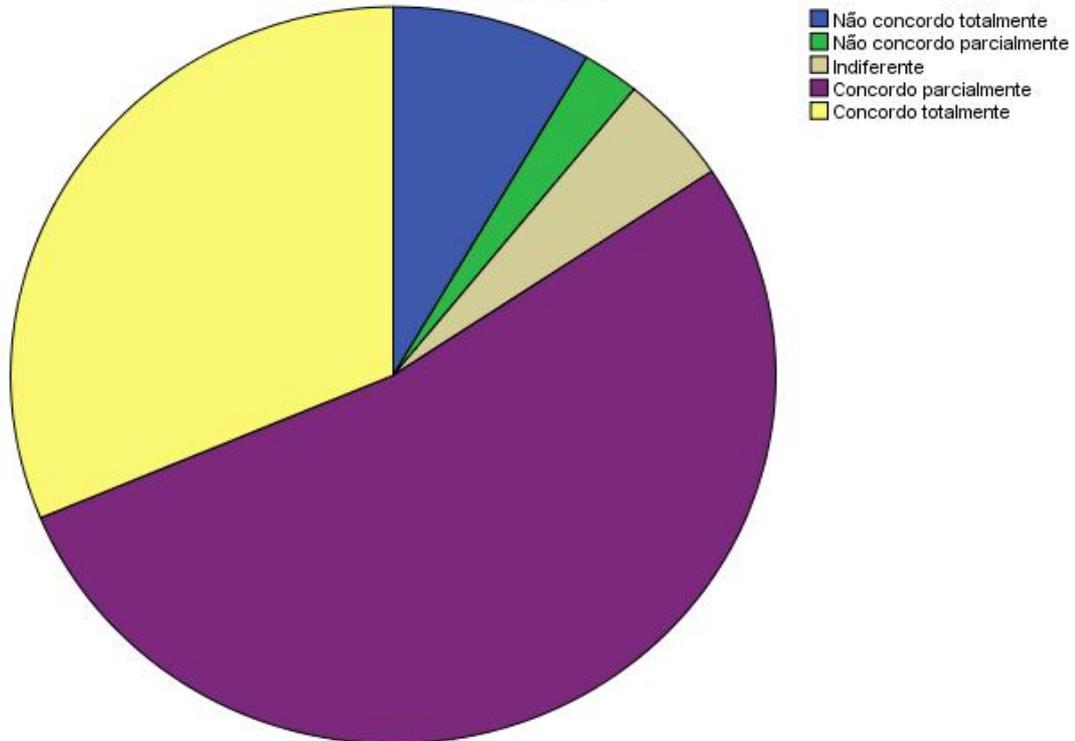
	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa	
Válido	Sim	77	92,8	92,8	92,8
	Não	6	7,2	7,2	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Quanto ao quesito influência positiva das atividades desportivas da UNIFOR à moradores de comunidades carentes respondidas nessa pesquisa, uma boa impressão chegou a ser quase unânime o reconhecimento dos participantes do questionário, com um total de 92,8% apresentando influência positiva.

Gráfico 6 – Instrumentos de comunicação da UNIFOR

Você concorda que os instrumentos de comunicação que a Universidade de Fortaleza utiliza para divulgar projetos de responsabilidade social são suficientes?



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

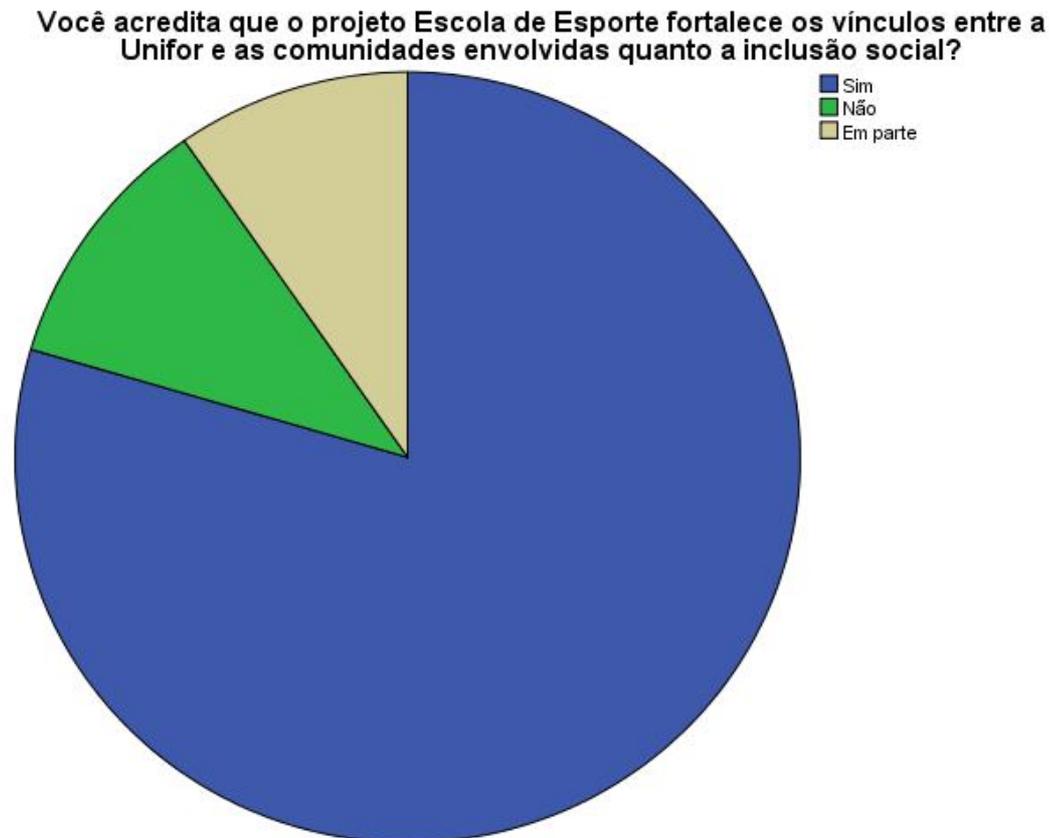
Tabela 10 – Você concorda que os instrumentos de comunicação que a UNIFOR utiliza para divulgar projetos de responsabilidade social são suficientes?

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa	
Válido					
Não concordo totalmente	7	8,4	8,4	8,4	8,4
Não concordo parcialmente	2	2,4	2,4	2,4	10,8
Indiferente	4	4,8	4,8	4,8	15,7
Concordo parcialmente	44	53,0	53,0	53,0	68,7
Concordo totalmente	26	31,3	31,3	31,3	100,0
Total	83	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta (2014).

De acordo com o quesito comunicação e divulgação, conclui-se que a concordância parcial foi 53,7% no que condiz com melhorias no desempenho da UNIFOR quando ela precisa comunicar e divulgar melhor a suficiência das ações de responsabilidade social.

Gráfico 7 – Vínculos UNIFOR e comunidades envolvidas



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

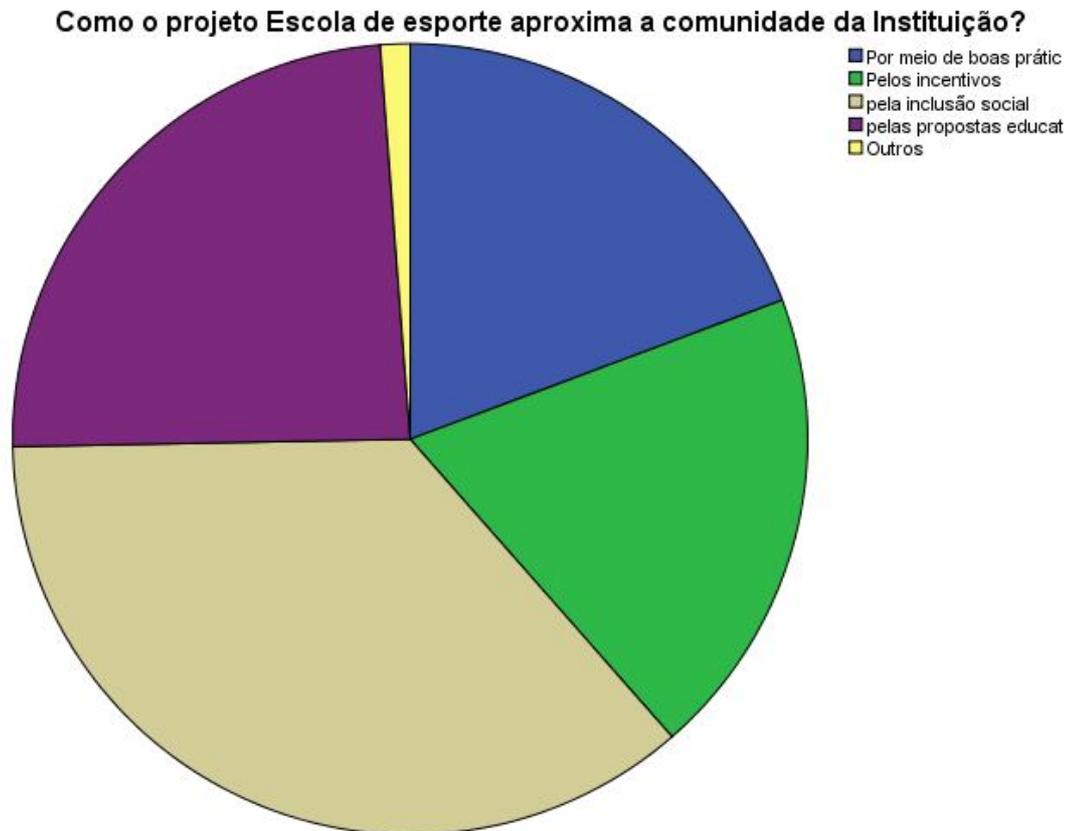
Tabela 11 – Você acredita que o projeto Escola de Esporte fortalece os vínculos entre a UNIFOR e as comunidades envolvidas quanto a inclusão social?

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa	
Válido	Sim	66	79,5	79,5	79,5
	Não	9	10,8	10,8	90,4
	Em parte	8	9,6	9,6	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Esse percentual de 79,5% apresentado na tabela 11, representando o fortalecimento do vínculo social entre a UNIFOR e atletas das comunidades do entorno, na perspectiva também dos professores e alunos do curso de Educação Física.

Gráfico 8 – Aproximação da comunidade com a UNIFOR



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Tabela 12 – Como o projeto Escola de esporte aproxima a comunidade da Instituição?

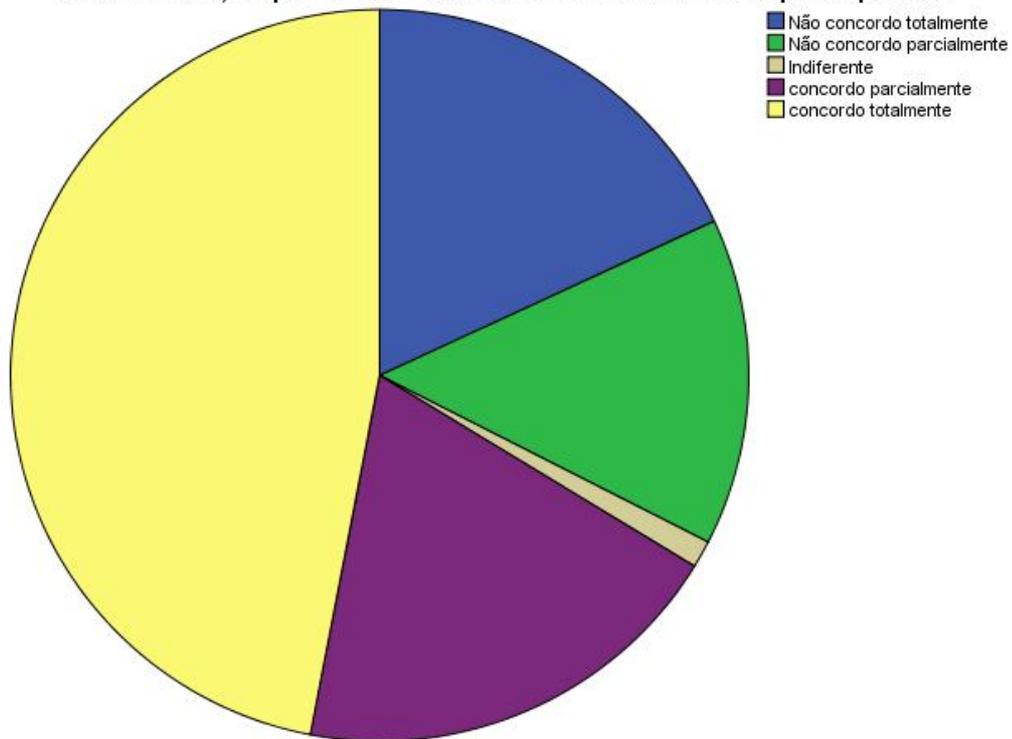
	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa	
Válido					
	Por meio de boas práticas	16	19,3	19,3	19,3
	Pelos incentivos	16	19,3	19,3	38,6
	pela inclusão social	30	36,1	36,1	74,7
	pelas propostas educativas	20	24,1	24,1	98,8
	Outros	1	1,2	1,2	100,0
	Total	83	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Avaliando-se a aproximação das comunidades acadêmica e população do entorno do *campus* da UNIFOR, a responsabilidade social tem papel preponderante com relação à inclusão social com 36,1%.

Gráfico 9 – Infraestrutura do parque desportivo

O parque de Desporto da Unifor onde o projeto Escola de Esporte é desenvolvido, disponibiliza infraestrutura satisfatória aos participantes?



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Tabela 13 – O parque de Desporto da UNIFOR onde o projeto Escola de Esporte é desenvolvido disponibiliza infraestrutura satisfatória aos participantes?

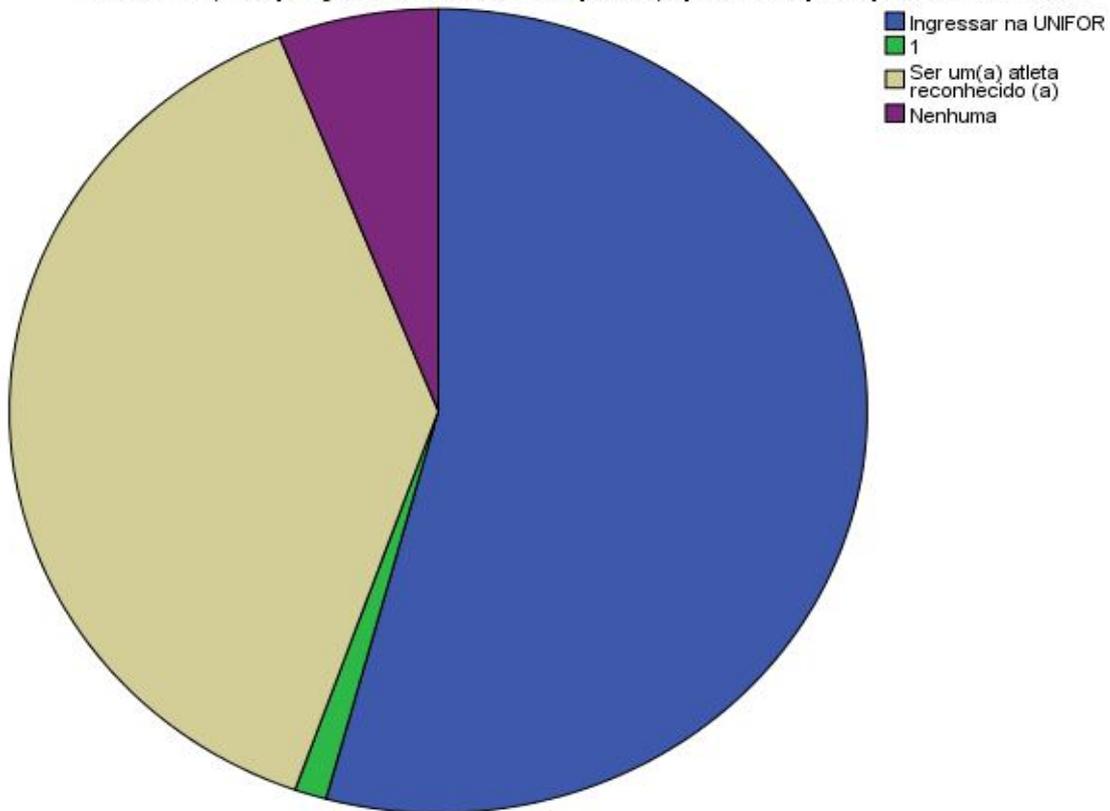
	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Não concordo totalmente	15	18,1	18,1
	Não concordo parcialmente	12	14,5	14,5
	Indiferente	1	1,2	1,2
	concordo parcialmente	16	19,3	19,3
	concordo totalmente	39	47,0	47,0
	Total	83	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

No tocante à infraestrutura do *campus* como apoio às atividades do desporto, 47,0% das respostas favoráveis às instalações condiz com investimentos em melhoria e de qualidade desses equipamentos. Vale mencionar que 19,3% concordaram parcialmente.

Gráfico 10 – Perspectiva futura dos envolvidos o projeto Escola de Esportes

Além de alcançar vários objetivos com a prática de esporte ou de atividade física na Unifor, no projeto Escola de Esporte, qual sua perspectiva futura?



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Tabela 14 – Perspectiva futura dos envolvidos o projeto Escola de Esportes.

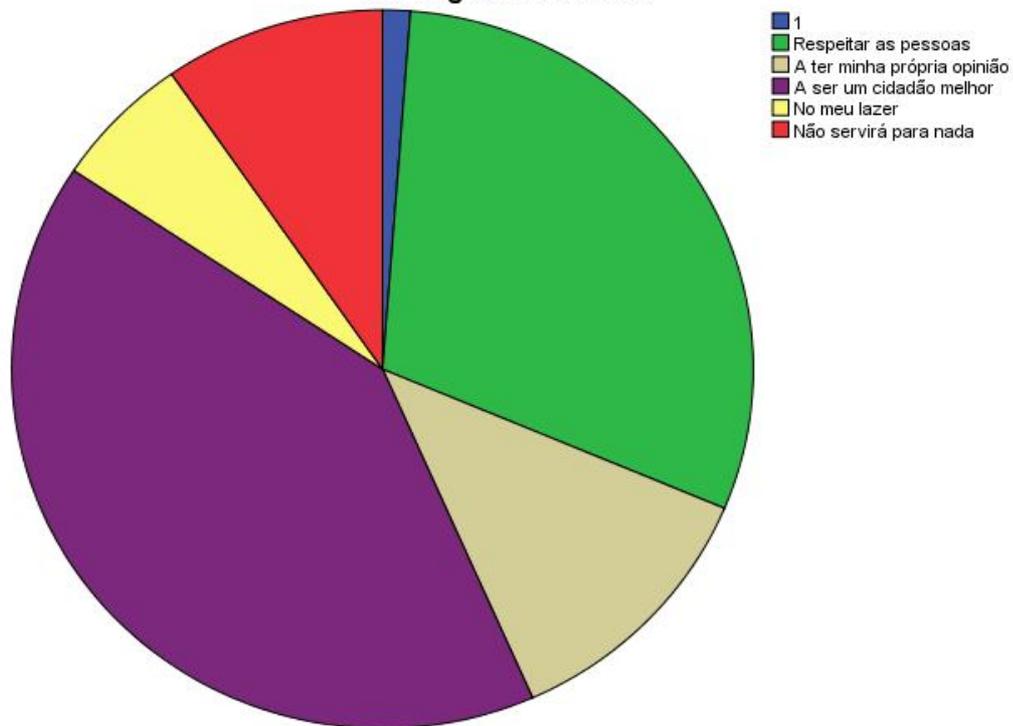
	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Ingressar na Unifor	45	54,2	54,2
	Ser um(a) atlt. Reconhecido(a)	32	38,6	38,6
	Nenhuma	5	6	6
	Total	82	100	100

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Ingressar na UNIFOR é desejo de 54,2% dos alunos (moradores das comunidades em estudo) entrevistados. Isso mostra a importância do trabalho pautado em responsabilidade e inclusão social, exercido pela Vice-Reitoria de Extensão da UNIFOR e 38,6% dos entrevistados querem ser um atleta reconhecido.

Gráfico 11 – Aproveitamento dos conhecimentos adquiridos no projeto

Para que lhes servirá os conhecimentos adquiridos no projeto Escola de Esporte ao longo de sua vida?



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Tabela 15 – Para que lhes servirá os conhecimentos adquiridos no projeto Escola de Esporte ao longo de sua vida?

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido				
Respeitar as pessoas		25	30,1	30,1
A ter minha própria opinião		10	12,0	12,0
A ser um cidadão melhor		34	41,0	41,0
No meu lazer	5		6,0	6,0
Não servirá para nada	8		9,6	9,6
Total	83		100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta (2014).

Quanto ao quesito sobre conhecimento adquiridos no Projeto Escola 41% dos alunos (moradores das comunidades em estudo) entrevistados, corroboraram que desejam ser um cidadão melhor.

6 CONCLUSÃO

O presente estudo tem como objetivo geral identificar a contribuição do projeto escola de esportes da UNIFOR do ponto de vista da RSU. Onde resultados positivos são apresentados nessa sociedade quando essas pessoas envolvidas saem de uma condição vulnerável socialmente e entram numa atividade desportiva melhorando de sobremaneira princípios de cidadania e um futuro melhor quanto a inclusão social adquirida nessa atividade, além da certeza que ações dessa natureza quando são amparadas por IES que tem como compromisso, salvaguardar o direito de cidadãos na pratica de esportes que venha a melhorar condicionamentos físicos com o propósito de (*mens sana in corpore sano*, na expressão latina), autoestima e sua vida social, amparados por ações de cunho sociais apoiando pessoas que vivem a margem da sociedade pelas desigualdades e preconceitos e má distribuição de renda.

Verificou-se a evolução dos conceitos de responsabilidade social, sua evolução, fundamentação e a importância deles para as empresas e as modernas organizações, especialmente para as IES, destacando também o papel dos *stakeholders* e *shareholders* como elementos indispensáveis para qualquer empreendimento na administração moderna.

No estudo foi abordado sobre a história da UNIFOR, numa perspectiva futura tendo como visionário o industrial Edson Queiroz a frente da mesma quando formula a visão, missão e valores da nova instituição, destacando-os em projetos sociais que vêm sendo apoiadas pela Vice-Reitoria de Extensão e Comunidade, as Divisões de Responsabilidade social e de Desporto nesse caso específico o projeto em estudo.

Diante do fato deste trabalho apresentar dados que indicam a *performance* de uma Universidade privada ultrapassando conceitos e diretrizes impostas por IES públicas é que sugere-se para um futuro próximo que outras instituições similares à pesquisada a UNIFOR, realizem futuras investigações no campo da RSU, pois existe uma pequena base de estudo e o resultado seria um estudo mais apurados sobre a importância das universidades explorarem estudo e aplicassem ações de responsabilidade social em comunidades carentes dos entornos de seus campus, resgatando a cidadania e dando oportunidades à jovens que vivem à beira da sociedade, cuja vulnerabilidade social poderia ser diminuída com atividades associadas à módulos existentes na academia que valorizassem a ética e a cidadania formando um conjunto de benefícios de transformação social e de desenvolvimento.

Acredita-se que o papel da UNIFOR como âncora regional no ensino, pesquisa e extensão e no apoio às comunidades carentes do seu entorno sirva de exemplo em vários projetos apresentados nesse trabalho como forma de diminuir a lacuna existente entre o conhecimento e a prática e também de atividades como desporto entre outros, para transformação de cidadãos aptos à enfrentar o difícil mercado de trabalho e ser identificada em manter em seu legado o dever determinante de apoio à inclusão social e à sustentabilidade em projetos sociais para alunos em busca da capacitação profissional e do conhecimento.

A possibilidade de um projeto desta natureza representar melhorias tanto na melhoria da autoestima dos participantes e ganhos substanciais na saúde física e psicológica, é que vimos a importância da Universidade em estudo (UNIFOR) manter dentro dos seus conceitos de valores, a implantação da Responsabilidade Social pregada por diversos autores como vantagem competitiva no mercado de instituições sérias e comprometidas com camadas da sociedade que se encontram à margem da pobreza e do desconforto de atividades físicas oferecidas pelo desporto.

Assim, a primeira importante conclusão desse estudo decorre do fato da Vice-Reitoria de Extensão Comunitária abraçar ações de cunho social cuja intensidade reflete em princípios morais, cidadãos e filantrópicos.

Teve como pressupostos teóricos confirmados com o fim da pesquisa o seguinte: Universidades cuja missão é o desenvolvimento de ações de apoio cidadão por meio da Responsabilidade Social, levam vantagem competitiva diante das demais que não fazem sentido à essa causa quando optam em analisar a formação do capital intelectual, social e humano nos cursos e projetos ofertados na linha da responsabilidade social tanto em atividades culturais como desportivas que foi a base de estudo da pesquisa realizada na UNIFOR.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. A. de. Revista IMES. **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva. 2005.
- ANDRIOF, J.; McINTOSH, M. **Perspectives on corporate citizenship**. Reino Unido: Warwick Business School, 2001.
- ARROW, K. the economic implication of learning by doing. **Review of Economic Studies**, v. 29, n. 2, p. 153-173, jun. 1962.
- BARRO, R. J. Economic growth in a cross-section of countries. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 106, n. 2, p.4 07-444, May 1991.
- BECKER, G. Investment in human capital: a theoretical analysis. **Journal of Political Economy**, v. 70, n. 5, p. 9-49, 1962.
- BINGER, B. R.; HOFFMAN, E. **Microeconomics with calculus**. S.l.: Addison-wesley, 1998.
- BOLAN, V.; MOTTA, M. V. da. Responsabilidade Social no Ensino Superior. **Revista de Educação**, v. 10, p. 204-210, set. 2007.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **Reproduction in education, society and culture**. London: Sage, 1970.
- BRASIL, M. V. de O. **Empreendedorismo sustentável em projetos sociais de uma fundação educacional**. 2014. 313 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Universidade de Fortaleza (UNIFOR), PPGA, Fortaleza, 2014.
- CARDOSO, C. **Comportamento organizacional e gestão**. Lisboa: Escola de Economia e Gestão: RH: Universidade do Minho, 2002.
- CARROLL, A. B. A Three Dimensional conceptual model of corporate performance. **Academy of Management Review**, v. 4, p. 497-505, 1979.
- CERTO, S.; PETER, J. P. **Administração estratégica**. São Paulo: Makron Books, 1993.
- COLEMAN, J. **Foundations of social theory**. Cambridge: Harvard University, 1990. Cap. 12, p. 300-321: Social capital.
- COLEMAN, J. **Social capital in the creation of human capital**. American Journal of Sociology, v.94, p. S95-S120, 1988. Supplement.
- DASGUPTA, P. Well-being and the extent of its realization in poor countries. **The Economic Journal**, v. 100, n. 400, p. 1-32, 1990. Supplement.
- DRUCKER, P. **A administração na próxima sociedade**. São Paulo: Nobel, 2002.
- EVANS, P. Government action, social capital and development: reviewing the evidence on

synergy. **World Development**, v. 24, n. 6, p. 1119-1132, 1996.

FOX, J. How does civil society thicken... The political construction of social capital in rural México. **World Development**, v. 24, n. 6, p. 1089-1103, 1996.

FREEMAN, E. The politics of stakeholder theory: some future directions. **Business Ethics Quarterly**, v. 4, p. 409-22, 1994.

FREEMAN, R. E.; HARRISON, J. S.; WICKS, A. C. **Managing for Stakeholders-survival, reputation and success**. Estados Unidos: Caravan, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática Educativa**. São Paulo: EGA, 2002. (Ano da Publicação Original: 1996 - Ano da Digitalização: 2002).

FREIRE, R.; SANTOS, S.; SOUZA, M.; ROSSETTO, C. Responsabilidade social Corporativa: evolução da produção científica. In: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL DAS ORGANIZAÇÕES BRASILEIRAS, 4., 2008. Niterói. **Anais...** Niterói: CNEG, 2008.

GARCIA, A. H. **A redução do capital social: (em companhias abertas e fechadas)**. 2009. 186 p. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2009.

GARRIGUES, J.; URÍA, R. **Comentário a la lei de sociedades anónimas**. Madrid: Editora, 1953.

GROOTAERT, C. **Social capita the missing link...** Washington: | The World Bank-Social Capital Initiative, 1998, 22 p. (Working Paper, 3).

HANIFAN, L. **The community center**. Boston: silver, Burdette and Co., 1920.

INSTITUTO ETHOS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL. (Coordenação da versão 2007 de Ana Lucia de Melo Custodio e Renato Moya). São Paulo: Instituto ETHOS, 2007.

JACOBS, J. **The life and death of great american cities**. New York: Random House, 1961. 474p.

KAWAX. **Observatório chileno de ciência, tecnología e innovación**. Estúdios, 2006. Disponível em: <<http://www.kawax.cl-observatorio-5.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

KLIKSBERG, B. Capital social y cultura, claves esenciales del desarrollo. **Revista de la Cepal**, v. 69, p. 85 -102, dic. 1999.

LANDI, F. R. (Org.). **Indicadores de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo – 2004**. São Paulo: FAPESP, 2005.

MACFARLENE, B. The disengaged academic: the retreat from citizenship. **Higher Education Quarterly**, v. 59,n. 4, p. 296-312, 2005.

MACHADO FILHO, C. P. M. **Responsabilidade social e governança: o debate e as implicações**. São Paulo: Thomson, 2006.

MARTINS, J. P. S. **Responsabilidade social corporativa: como a postura responsável compartilhada pode gerar valor**. São Paulo: Komedi, 2008.

MELO NETO, F. P. de.; FROES, C. **Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro. Da filantropia tradicional à filantropia do alto rendimento e ao empreendedorismo social**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

_____. **Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

MORAES, R. Análise de Conteúdo: limites e possibilidades. In: ENGERS, M. E. A. (Org.). **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

MOUGAN, C. Liberalismo y profesión docente. **Revista Internacional de Sociología**, v. 34, 2003.

OLIVEIRA, F. R. M. **Relações públicas e a comunicação na empresa cidadã**. São Paulo: UNESP, 2000. (Monografia). Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

OLIVEIRA, J. A. P. de. **Empresas na sociedade: sustentabilidade e responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

OLSON, M. **The logic of collective action: public goods and the theory of groups**. Cambridge: Harvard University, 1965.

OLSON, M. **The rise and decline of nations: economic growth, stagflation, and social rigidities**. New Haven: Yale University, 1982.

PAVARINA, P. R. de J. P. **Desenvolvimento, crescimento econômico e o capital social do Estado de São Paulo**. 2003. Tese. (Doutorado em Economia Aplicada) Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. 2003. Disponível em: <<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/paula.pdf>>. Acesso em:

PEDREIRA, J. L. B. **Finanças e demonstrações financeiras da companhia – conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro. Forense, 1989, p.185.

POMPEU, G. M.; CARVALHO, N. de P. **Direitos humanos, econômicos e a responsabilidade social das empresas**. Florianópolis: Conceito Editorial, 2012.

POMPEU, R.M. **A Responsabilidade Social da universidade na formação de capital humano e como ferramenta de desenvolvimento local sustentável: os casos da UTAD e da UNIFOR**. 2014. 348 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Universidade de Fortaleza (UNIFOR), PPGA, Fortaleza, 2011.

PROJETO ARTE-EDUCAÇÃO NA EXPOSIÇÃO TRAJETÓRIAS. Disponível em: <http://UNIFORnoticias.UNIFOR.br/index.php?option=com_content&view=article&id=741&Itemid=50>. Acesso em; 12 abr. 2014.

PROJETO ESCOLA DE ESPORTES. **Divisão de assuntos esportivos**. Disponível em:<http://www.UNIFOR.br/index.php?option=com_content&view=article&id=699&Itemid=77>. Acesso em: 20 abr. 2014.

PUTNAM, R. **Marking democracy work**: civic traditions in modern Italy. Princenton: Princenton University, 1993a. 258 p.

REIS, C. N. A responsabilidade social das empresas: o contexto brasileiro em face da ação consciente ou do modernismo do mercado? **Revista Econômica Contemporânea**, Rio de Janeiro, maio/ago. 2007.

RIBEIRO, R. **Responsabilidade social universitária**: a dimensão humana da qualidade da educação superior. Disponível em: <<http://www.cairu.br/revista/artigos2.html>>”<http://www.cairu.br/revista/artigos2.html>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

ROMER, P. M. Increasing returns and long-run growth. **Journal of Political Economy**, v. 94, n. 5, p. 1002-1037, 1986.

SCHEIN, E. **Cultura organizacional e liderança**. São Paulo: Atlas, 2009. 414 p.

SCHULTZ, T. W. Investment in human capital. **American Economic Review**, v. 51, n. 1, p. 1-16, 1961.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 409p.

SIFFERT, Carlos. **Teoria do Caos e Complexidade**. Disponível em: <<http://www.orion.med.br/misc23.htm>>. Acesso em: 01/05/2014.

SILVA, C. E. L. da. Globalização frustra esperança de mitigar a pobreza. In: HOFMEISTER, W. (Org.). **Política social internacional**. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2005. p.65.

SIMPSON, W. G.; KOHERS, T.; The link between corporate social and financial performance: evidence from the banking industry. **Journal of Business Ethics**, v. 35, n. 2.p. 97-109, 2002.

SMITH, M. K. Social capital. In: THE ENCYCLOPEDIA OF INFORMAL EDUCATION. Acesso em: 8 dez. 2001. Disponível em: <http://www.infed.org/biblio/social_capital.htm. 2001>. Acesso em: 4 ago. 2014.

STERN, N. The determinants of growth. **The Economic Journal**, v. 101, n. 404, p. 122-133, jan. 1991.

THE AMERICAN HERITAGE DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE. 2000. 4. ed. Houghton Mifflin Company, p. 2743. Disponível em: <<http://dictionary.reference.com/browse/lead>>. Acesso em: 3 ago. 2014.

THORN, K.; SOO, M. Latin American Universities and the third mission. Trends, challenges and policy option. **World Bank policy Research working Paper 4002**. 2006. Disponível em: <http://www.wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/IW3P-IB-2006-08-30-000016406_20060830142439-Renderes-PDF-wps4002.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2014.

URZÚA, R. **La Responsabilidad Social de las Universidades**: Una Guía de Discusión, Documento Presentado en el Taller «Elaboración de Estrategia Común para La Expansión de La Responsabilidad en las Universidades Chilenas», 4 y 5 de Octubre de 2001.

WAACK, R. S. **Governança corporativa e responsabilidade social**. Palestra ministrada no Instituto Brasileiro de Governança Corporativa, mar. 2006.

WOOLCOCK, M. Social capital and economic development: toward a theoretical synthesis and policy framework. **Theory and Society**, v. 27, n. 2, p. 151-208, 1998.

ANEXO A – Questionário aplicado aos participantes do projeto escola de esportes da UNIFOR

1. Sexo: Feminino; Masculino
2. Categoria: Alunos; professores; atletas
3. Idade

-  Indique a principal razão que o leva a fazer exercício físico?
-  Que tipo de atividade você pratica?
-  Como o projeto Escola de Esportes influencia sua vida pessoal?
-  Você concorda que as atividades desportivas promovidas pela UNIFOR por meio da Vice-Reitoria de Extensão e Comunidade Universitária, podem influenciar positivamente na vida de moradores de uma comunidade carente?
-  Você concorda que os instrumentos de comunicação que a Universidade de Fortaleza utiliza para divulgar projetos de responsabilidade social são suficientes?
-  Você acredita que o projeto Escola de Esporte fortalece os vínculos entre a UNIFOR e as comunidades envolvidas quanto a inclusão social?
-  Como o projeto Escola de esporte aproxima a comunidade da Instituição?
-  O parque de Desporto da UNIFOR onde o projeto Escola de Esporte é desenvolvido disponibiliza infraestrutura satisfatória aos participantes?
-  Além de alcançar vários objetivos com a prática de esporte ou de atividade física na UNIFOR, no projeto Escola de Esporte, qual sua perspectiva futura?
-  Para que lhes servirá os conhecimentos adquiridos no projeto Escola de Esportes ao longo de sua vida?

ANEXO B – Como o projeto Escola de Esportes influencia sua vida pessoal?

1. Você concorda que as atividades desportivas promovidas pela UNIFOR por meio da Vice-Reitoria de Extensão e Comunidade Universitária, podem influenciar positivamente na vida de moradores de uma comunidade carente?
2. Você concorda que os instrumentos de comunicação que a Universidade de Fortaleza utiliza para divulgar projetos de responsabilidade social são suficientes?
3. Você acredita que o projeto Escola de Esporte fortalece os vínculos entre a UNIFOR e as comunidades envolvidas quanto a inclusão social?
4. Como o projeto Escola de esporte aproxima a comunidade da Instituição?
5. Que tipo de atividade você pratica?
6. Como o projeto Escola de Esportes influencia na sua vida pessoal?
7. Você concorda que as atividades desportivas promovidas pela UNIFOR por meio da Vice-Reitoria de Extensão e Comunidade Universitária, podem influenciar positivamente na vida de moradores de uma comunidade carente?
8. Você concorda que os instrumentos de comunicação que a Universidade de Fortaleza utiliza para divulgar projetos de responsabilidade social são suficientes?
9. Você acredita que o projeto Escola de Esporte fortalece os vínculos entre a UNIFOR e as comunidades envolvidas quanto a inclusão social?
10. Como o projeto Escola de esporte aproxima a comunidade da Instituição?
11. O parque de Desporto da UNIFOR onde o projeto Escola de Esportes é desenvolvido, disponibiliza infraestrutura satisfatória aos participantes?
12. Além de alcançar vários objetivos com a prática de esporte ou de atividade física na UNIFOR, no projeto Escola de Esporte, qual sua perspectiva futura?
13. Para que lhes servirá os conhecimentos adquiridos no projeto Escola de Esporte ao longo de sua vida?

**ANEXO C – Universidades conveniadas ao programa de
intercâmbio acadêmico da UNIFOR. No campo do intercâmbio
com universidades estrangeiras, a UNIFOR mantém
relacionamentos institucionais**

ALEMANHA	FachhochschuleKölnDeutschland FachhochschuleDeggendorf FachhochschuleEberswalde HochschuleFürWirtschaftUndRecht Berlin Fachhochschule Osnabrück Hochschule Karlsruhe Fachhochschule Ludwigshafen amRhein
ARGENTINA	Universidad de Belgrano Universidad Del Aconcagua UniversidadConcepción Del Uruguay Universidad de Buenos Aires Universidade Blas Pascal Siglo 21 Universidad Católica de Santiago Del Estero Universidad John F. Kennedy Universidad Nacional de San Luis
BÉLGICA	Haute Ecole de laProvince de Liège
BOLÍVIA	Universidad de Aquino UniversidadNuestraSeñora de la Paz Universidad Privada Santa Cruz de laSierra Universidad Privada Boliviana Universidad Privada Domingo Savio Universidad San Francisco Xavier de Chuquisaca
CANADÁ	ÉcoleNational D'administration Publique ÉcoledesHautesÉtudesCommerciales École de TechnologieSupérieure ÉcolePolytechnique

	<p>Institut National de La Recherche Scientifique</p> <p>Université de Sherbrooke</p> <p>Université McGill</p> <p>Université Du Quebec</p> <p>Université Laval</p> <p>Université de Montréal</p> <p>Université Concordia</p> <p>Université Bishop's</p> <p>Université du Québec en Abitibi-Témiscamingue</p> <p>Université du Québec à Chicoutimi</p> <p>Université du Québec en Outaouais</p> <p>Université du Québec à Montréal</p> <p>Université du Québec à Rimouski</p> <p>Université du Québec à Trois-Rivières</p> <p>Télé-Université</p>
--	--

Fonte: www.UNIFOR.br/intercambio/